

O futuro da sustentabilidade

FLORIANÓPOLIS,
TERÇA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 2021

ND
15+15
SUSTENTABILIDADE



■ *Entrevista exclusiva com representante da ONU aponta os desafios das cidades para as próximas décadas, os impactos do coronavírus e a importância da inovação e da coletividade para avançar no tema.*

PÁGINAS 16 E 17

■ *Como Florianópolis pretende ser referência nacional e se tornar “Lixo Zero” até 2030.*

PÁGINAS 12 E 13

■ *Exemplos de Floripa: iniciativas locais são referência para práticas que ajudam o meio ambiente.*

PÁGINAS 3, 5, 8 E 9





FÁBIO ABREU/ND

12/13

FLORIPA LIXO ZERO ATÉ 2030

Em menos de duas décadas Florianópolis quer ser modelo para o Brasil ao desviar de aterros sanitários 95% dos resíduos orgânicos e 60% dos recicláveis secos. A meta é ousada, mas possível de ser tirada do papel com a união da população, do poder público e de entidades.

20/21

FUTURO DEPENDE DA REDUÇÃO DOS GASES

Em escala mundial, os principais emissores de gases poluentes na atmosfera são o desmatamento, as queimadas, a agropecuária e os processos para produção de energia. Enquanto os países discutem soluções globais, pequenas atitudes individuais fazem a diferença.

ONU elenca os desafios para o futuro

Em entrevista ao ND, o gerente de portfólio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Asher Lessels, alerta que as cidades precisam se adaptar aos crescentes impactos das mudanças climáticas, especialmente na era pós-Covid. A chave para isso são os governos municipais. Segundo ele, as cidades são o foco das inovações locais para resolver os desafios. “Somente por meio de soluções locais iremos enfrentar os desafios urbanos de uma forma que funcione para os residentes locais e seja duradouro”, diz ele.

PÁGINAS 16/17

Exemplos de boas iniciativas

Mapa da cidade mostra oito boas histórias em diferentes bairros que fazem a diferença quando o assunto é melhorar o meio ambiente. Especialistas elencam as prioridades para a cidade no futuro, como melhorias em saneamento básico, coleta eficiente de lixo, habitação, inclusão social e digital. PÁGINAS 4/5

Três histórias para inspirar

A Revolução dos Baldinhos, no bairro Monte Cristo, um restaurante lixo zero referência para o Brasil e o programa ReÓleo são exemplos de práticas sustentáveis que deram certo em Florianópolis e que servem de inspiração para que os cidadãos adotem práticas que ajudam o meio ambiente. PÁGINAS 8/9

Um olhar para a cidade

A construção de uma Florianópolis mais sustentável passa pela revisão do atual modelo de Plano Diretor da cidade, melhorias em questões como mobilidade, infraestrutura, saneamento básico e inclusão social. Essa é a visão da coordenadora do Floripa Sustentável, Zena Becker, que atua há anos no movimento criado para fomentar soluções eficazes para o desenvolvimento de Florianópolis.

PÁGINA 30



UMA PUBLICAÇÃO DO GRUPO ND

FUNDADOR E PRESIDENTE EMÉRITO GRUPO ND E GRUPO RIC (IN MEMORIAM)

Mário J. Gonzaga Petrelli

PRESIDENTE EXECUTIVO

Marcello Corrêa Petrelli

DIRETOR COMERCIAL

Gilberto Kleinübing

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Albertino Zamarco Jr.

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

Derly Massaud Anunciação

DIRETOR DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA

Rafael Mafra

DIRETOR OPERACIONAL

Marcelo Campanholo

DIRETOR DE CONTEÚDO

Luís Meneghim

DIRETOR REGIONAL FLORIANÓPOLIS

Roberto Bertolin

GERENTE COMERCIAL

Norberto Moretti Junior

EDITOR CHEFE ND

Rodrigo Lima



COORDENAÇÃO

Vanessa da Rocha

EDIÇÃO

Altair Magagnin

Felipe Alves

Rosana Ritta

REPORTAGEM

Aline Torres

Bruna Stroisch

Fabício Umpierrez

Letícia Dorneles

Lindsey Caetano

Lorenzo Dornelles

Lucas Colombo

Marcelo Fleury

Maria Gabriella Schwaemmler

Marinês Barboza de Jesus

Mariana Passuello

Néri Pedroso

Nicolas Horácio

Pâmela Schreiner

Paulo Rolemberg

Rafael Thomé

Vanessa da Rocha

PRODUÇÃO

Daniel Hugen

ILUSTRAÇÃO

Pablo R. Mayer

Fábio Abreu

FOTOGRAFIA

Anderson Coelho

Leo Munhoz

DIAGRAMAÇÃO

Elaine Cristina

Rafael Martírio

Paulo Roberto de Oliveira

INFOGRAFIA E ARTE

Leandro Maciel

PUBLIEDITORIAL

Patricia Peron

IMPRESSÃO

Artes Gráficas Riosul Ltda

ANDERSON COELHO/ESPECIAL ND



O manezinho Jorge João de Sousa, 40 anos, faz compostagem de matéria orgânica, vende mel em potes reciclados e colhe os abacates que consome no quintal de casa



Pequenas iniciativas que transformam o mundo

Com o lema “*pensar global e agir local*”, professor Jorge João de Sousa dá o exemplo em ações diárias e práticas que podem ser feitas em casa para ajudar a *reciclar e reaproveitar* em nome do bem-estar do planeta

Marcelo Fleury

Especial para o ND

Quando o assunto é sustentabilidade, Jorge não economiza nas palavras. Só nas palavras. No demais, contém-se em tudo, em nome do bem-estar do planeta, que começa por iniciativas locais. “Já fiquei quatro meses sem usar papel-moeda”, conta, ao dizer que retomou a milenar cultura do escambo a fim de evitar desperdícios e reciclar a cadeia de produção.

Jorge João de Sousa tem 40 anos, nasceu e mora em Florianópolis e vive uma vida “otimista e realista”, segundo sua visão, quando o assunto é sustentabilidade. Jorge recolhe resíduos, que a maioria sequer sabe para onde vai, e evita que

poluam a Lagoa. Das lixeiras, os põe em tambores. Faz compostagem da matéria orgânica que flui pelos ralos do capitalismo de puro consumo e desperdício. Daí, Jorge leva a uma cooperativa e garante que futuras colheitas serão garantidas aqui mesmo, em Florianópolis.

“Ser sustentável exige energia”, ele explica. Uma parte da energia, a saudável, vem de saber que nada se perde, tudo se transforma, conforme a Lei de Lavoisier. Outra parte, a menos saudável, vem do desperdício egoísta de quem não percebe que vivemos em comunidade.

DESEMBALAR MENOS

Dia desses, Jorge topou com abacates caídos do pé. Alguém passando por ali talvez

chutasse o abacate pra longe. Jorge o recolheu. Viu que era uma fruta madura. Levou consigo e a consumiu. Hoje, tem um abacateiro em casa. “As pessoas acham que o que compram na feira surge ali, enquanto estamos rodeados de alimentos ao alcance da mão”.

Jorge tem seus próprios mantras. “Desembalar menos”, “evitar tirar das prateleiras”, e por aí vai. O geógrafo é um frequentador das conferências ambientais mundiais e, ao mesmo tempo, cozinha em casa, leva a própria comida em um pote dentro da mochila sempre que sai, recolhe a água de enxágue da máquina em baldes para usar em lavações. “Pensar global e agir local”, diz.

A sustentabilidade acontece agora

Jorge mora no Campeche e na Barra da Lagoa. Alterna residências porque não se prende a um lugar, mas ao todo. Ele vende mel. Não o produz, porém, se encarrega de recolher potes de vidros e esterilizá-los para que o mel produzido em Águas Mornas possa ser distribuído aos consumidores da Capital.

Sua vida sustentável, no entanto, não garante que as demais sejam. Porque o próprio conceito de sustentabilidade pressupõe uma força conjunta da sociedade, já que ninguém pode ser autossustentável por si próprio.

Mas é um primeiro e grande passo. Na esteira de seu exemplo, Jorge cativa pessoas a serem mais colaborativas e menos consumistas. Todos, diz, dependemos do que vem da terra. Sobre o futuro, não é sua maior preocupação. Porque sua atenção está voltada para o agora. “A sustentabilidade acontece agora”, diz, enquanto come um punhado de frutas recolhidas em casa e observa o pôr do sol na Costeira.

Medidas ainda modestas e *grandes desafios* para o futuro

Em meio a *projetos sustentáveis* em Florianópolis, especialistas elencam as *prioridades para a cidade*, como ampliação do *saneamento básico*, coleta eficiente de lixo, habitação, *inclusão social e digital*

Marcelo Fleury

Especial para o ND

Cidades inundadas ou em chamas, com novas favelas se formando da noite para o dia, têm impacto tão gritante que não dá mais pra dizer que sustentabilidade é só coisa da área da ecologia. De acordo com a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o foco é em quatro dimensões: ambiental, social, econômica e, mais recentemente, cultural. Como Florianópolis está em cada uma delas?

“Estamos bem no início, temos que reconhecer isso. Um dos problemas nevrálgicos é o saneamento básico. Enquanto Floripa não tiver 100% do esgoto tratado, não dá para dizer que é uma cidade sustentável.” A avaliação é do professor Neri dos Santos, engenheiro e docente aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina.

Sobre as iniciativas sustentáveis já em andamento em Florianópolis, ele é enfático. “São iniciativas, mas as ‘acabativas’ ainda estão longe”. O bom-humor não esmaece a crítica sobre ações pontuais que não alcançam a dimensão de política pública, necessária para conferir a Florianópolis o almejado status de cidade sustentável. Na prática, o que se defende são políticas de incentivo, como por exemplo, o crédito de carbono. “Seria um bônus em forma de moeda virtual a ser conferido a quem trocar o carro por bicicleta, em paralelo à implantação de um sistema ciclovitário mais seguro”, explica.

A avaliação se estende às práticas de coleta de lixo. “As iniciativas atuais são boas, mas enquanto não houver coleta eficaz e eficiente, não resolve”. O mesmo se diz das chamadas Escolas do Futuro, as escolas em tempo integral com ensino digital oferecidas a partir de 2019 pela rede municipal de ensino. “São todas iniciativas modestas”, conclui.



Florianópolis do futuro poderá ter vários centros urbanos, no Sul, no Norte e no Continente



Escola do Futuro na Tapera tem aulas em tempo integral, reaproveitamento de água da chuva e ensino de sustentabilidade

Biosfera urbana e o caminho para a sustentabilidade

O que se quer para Florianópolis no futuro? Que em 2050 seja uma cidade policentrada, ou seja, com vários centros urbanos dentro do município: no Sul da Ilha, no Norte, no Continente, na região da Trindade, entre outras regiões. Para isso, a aposta é na verticalização, o que permitirá reduzir áreas ocupadas e delimitar áreas de proteção total.

É esse conceito, o de biosfera urbana, que está norteando a Agenda 2030-2040-50, em

elaboração pelo FloripAmanhã. A entidade da sociedade civil ligada ao Movimento Floripa Sustentável está fazendo um back casting, ou seja, desenhando a cidade almejada no futuro e trazendo para trás, até 2021, para orientar quais decisões precisam ser tomadas agora para se alcançar sustentabilidade até 2050. Até o final deste ano deve ser entregue a agenda das próximas três décadas, definindo projetos estruturantes nas áreas de

infraestrutura e mobilidade, social, ambiental, econômica e cultural para Florianópolis. “Olhando para a terceira década do século 21, eu diria que o mais importante é aumentar a inclusão social, passando pela inclusão digital. E a questão habitacional, pois em Florianópolis estamos vendo um aumento populacional de baixa renda sem políticas públicas de habitação. São grandes desafios”, enumera o professor Neri, que também é membro da entidade.

Movimentos sociais focados em integrar poder público e sociedade na Agenda 2030

Quando começou a dar palestras, o consultor em desenvolvimento sustentável Fernando Barbosa costumava encontrar um público achando que ele plantaria uma árvore. Hoje, diz que as pessoas e as empresas já estão abertas ao tema, mas reclama do distanciamento do poder público.

“Nossos esforços têm sido para trazer os entes públicos para dentro da Agenda 2030, criando diálogo com governos e Poderes. Temos desafios grandes para vencer nos próximos nove anos. A principal tarefa é conseguir que todos integrem essa engrenagem, pois os objetivos estão cada vez mais a curto prazo”, conta.

Fernando faz parte do movimento nacional ODS SC, que tem se dedicado aqui no Estado a facilitar a incorporação no dia a dia dos 16 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A lista compõe a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, aprovada pelos países membros da ONU em 2015.

Ele alerta para o equívoco de delegar a conscientização às futuras gerações. “Se pensarmos só nas crianças, elas pegarão uma sociedade completamente devastada, precisamos agir hoje para garantir nossa continuidade como civilização que possa progredir e prosperar”.

Exemplos de sustentabilidade em Florianópolis

São diversas iniciativas que buscam o cuidado com o meio ambiente na capital e almejam um futuro com redução da poluição.

1 Projeto Route



O projeto Route percorre todas as praias da ilha para realizar a limpeza da orla. Fundado em 2011 em Florianópolis, o Route atua hoje em todo o Brasil e já envolveu mais de 5 mil voluntários. Além de recolher, o projeto separa e destina os resíduos coletados nas praias.

2 Revolução dos Baldinhos



A iniciativa do bairro Chico Mendes recolhe cerca de 10 toneladas por mês de lixo orgânico. Os resíduos são levados para compostagem e o adubo é distribuído às famílias que colaboraram para a sua produção.

3 Restaurante Lixo Zero



O Restaurante Origem foi o primeiro do país a receber o selo Lixo Zero, concedido pelo Instituto Lixo Zero. Para ter a certificação, o restaurante se adaptou a produzir, no máximo, 10% dos resíduos como rejeito.

4 Pranchas sustentáveis



O empresário David Weber criou um projeto para ensinar a comunidade a fabricar pranchas com materiais alternativos como madeira de fabricação. A intenção de Weber é unir sustentabilidade, tecnologia e arte.

5 Programa ReÓleo



O Programa ReÓleo atua de maneira efetiva para reduzir o impacto do óleo de cozinha no meio ambiente. Além de conscientizar a população, disponibiliza locais para o descarte correto do óleo. Desde o início do projeto, em 1998, a Acif (Associação Empresarial de Florianópolis) já coletou 4,8 milhões de litros de óleo.

6 Creche Hassis



Inaugurada em março de 2015, a Creche Hassis gera eletricidade por meio de energia fotovoltaica, aquece água potável por energia solar e faz aproveitamento da água de chuva. Foi a primeira do Brasil a receber a certificação de Liderança em Energia e Design Ambiental.

7 Coleta Seletiva Flex

Implantado recentemente em Florianópolis, esse projeto realiza a coleta de secos, vidro, orgânicos compostáveis e rejeito de porta em porta. Inicialmente somente o bairro Itacorubi é contemplado pela Coleta Seletiva Flex, mas o projeto deve ser ampliado para os arredores em breve.



8 Reaproveitamento de cascas de ostras



Projeto desenvolvido pelo (IFSC) Instituto Federal de Santa Catarina desenvolveu uma pesquisa onde a casca da ostra é utilizada como adubo ou para substituir pedras como granito e mármore. O objetivo é reduzir o número de conchas jogadas no mar, que com o tempo formam montanhas e podem trazer sérios problemas ambientais.



A Veolia acompanha a transformação de Santa Catarina há mais de uma década.



Prezando sempre pelo desenvolvimento sustentável da região, com soluções integradas de água, resíduos e energia.

A transformação ecológica é o nosso propósito.

Parabéns ao Jornal ND por levar informação de qualidade a todos os catarinenses há 15 anos!

Saiba mais nos nossos canais digitais:

 Veolia Brasil

 veolia.com/latamib/pt

Renovando o mundo

 **VEOLIA**

Veolia leva para Santa Catarina soluções para o meio ambiente

A transformação ecológica idealizada pela empresa é uma importante contribuição para um futuro sustentável

A Veolia, referência mundial em soluções para a gestão de água, resíduos e energia, está cada vez mais presente em Santa Catarina. Com o propósito de oferecer um futuro sustentável a todos, a empresa multinacional está presente em diversas cidades atendendo, com qualidade e segurança laboral e ambiental, serviços de coleta, transbordo, transporte, tratamento e disposição final de resíduos e efluentes; operações de água; e operações industriais multi-utilities.

Cada projeto da Veolia em terras catarinenses conta com toda a expertise da empresa, que possui mais de 168 anos de história, além de um olhar extremamente crítico e cuidadoso com questões como: segurança dos colaboradores, relação com sociedade e com os clientes, sustentabilidade, ética e compliance - valores inegociáveis para a empresa.

A valorização de resíduos realizada em cada uma de suas plantas é um dos diferenciais oferecidos pela Veolia em Santa Catarina. Os seus Centros de Gerenciamento de Resíduos - CGRs são considerados exemplos em tecnologia, qualidade operacional e proteção ambiental no Brasil.

“Buscamos os melhores resultados no triple bottom line,

CGR BRUSQUE/VEOLIA/ND



Os CGRs (Centros de Gerenciamento de Resíduos) da empresa são considerados exemplos em tecnologia, qualidade operacional e proteção ambiental no Brasil

CONHEÇA MAIS:

✓ Conheça mais sobre a atuação da Veolia em www.veolia.com/latamib/pt

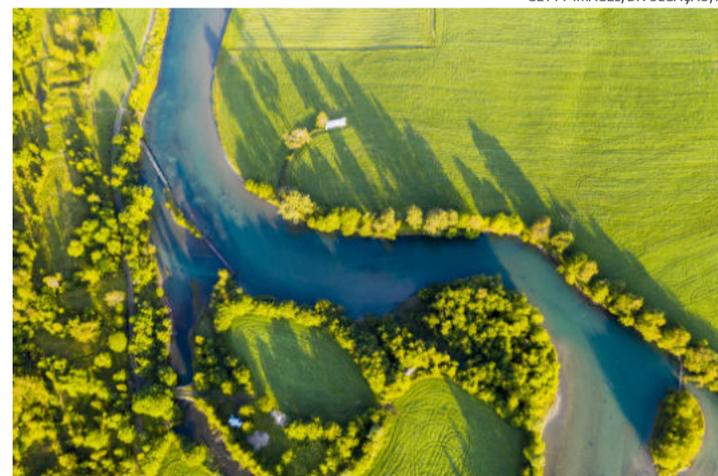
✓ Siga a Veolia no LinkedIn www.linkedin.com/company/veolia-brasil

ou seja, o melhor equilíbrio entre o desempenho ambiental, social e econômico/financeiro, que para nós, formam um todo indivisível. Consideramos Santa Catarina um polo estratégico de negócios e um estado extremamente desenvolvido e diferenciado no que se refere a resíduos - como exemplo temos o pioneirismo na erradicação dos lixões e na implementação do Sistema MTR On Line - e hoje, nossas soluções integradas ajudam empresas e governos locais a

alcançar um futuro melhor e mais sustentável para todos”, diz Bruno Muehlbauer, Diretor de Limpeza Urbana e Gestão de Resíduos da Veolia Brasil.

Cada vez mais empresas, indústrias e governos devem participar de forma ativa e proativa das discussões sobre as soluções para preservação da natureza e da biodiversidade. A oferta diversificada de serviços da Veolia está alinhada ao DNA da empresa, que é a Transformação Ecológica.

GETTY IMAGES/DIVULGAÇÃO/ND



A empresa é referência mundial em soluções para a gestão de água, resíduos e energia

JUAN XAVIER BORJA AVATAR/DIVULGAÇÃO/ND



Ações pela preservação da natureza cumprem propósito do grupo de prever um futuro sustentável para toda a sociedade

Transformação ecológica já ocorre em todo o mundo

“Os critérios de ESG (Environmental, Social and Governance) - sigla que representa o conjunto de práticas ambientais, sociais e de governança realizadas por empresas) são mais do que conhecidos. As companhias, municípios e estados verdadeiramente comprometidos com essas questões, terão

melhor desempenho e sobreviverão mais facilmente nesse mundo e mercado cada vez mais complexo e exigente”, explica Muehlbauer.

A Transformação Ecológica já está acontecendo no mundo todo. Os próximos anos serão os mais dinâmicos da história e as questões ambientais precisam ser

consideradas em todos os processos, análises e tomadas de decisão. Empresas e poder público terão cada vez mais que trabalhar em conjunto para combater as mudanças climáticas, bem como, promover a economia circular e a despoluição de um modo geral”, afirma Muehlbauer.

Eles ajudam a construir a sustentabilidade do futuro

Três projetos de Florianópolis que ganharam repercussão nacional são exemplos de iniciativas que ajudam a melhorar o meio ambiente. A *revolução dos baldinhos* promove o tratamento adequado de lixo orgânico, enquanto que o *Casa Origem* desvia dos aterros sanitários 90% dos resíduos do restaurante, e o *Reóleo* fez a Capital entrar para o *guinness duas vezes* como a cidade que mais recicla o material no mundo

Revolução dos baldinhos

Criada em 2008, depois de um surto de ratos, a revolução dos baldinhos ensina moradores de comunidades de Florianópolis a separar matéria orgânica

Nícolas Horácio

nicolas.david@ndmais.com.br

Um surto de ratos, que levou duas pessoas à morte, no complexo do Monte Cristo, em Florianópolis, fez Eunice Brasil e Roselena Rodrigues criarem a “revolução dos baldinhos”. O projeto surgiu em 2008 e ganhou esse nome pela intenção de revolucionar a comunidade. Presente nas comunidades Chico Mendes e Nossa Senhora da Glória, visa sensibilizar os moradores sobre a importância da separação de matéria orgânica. Como consequência, também faz cada um entender seu papel na sociedade.

Antes, os revolucionários passavam de casa em casa, fazendo a coleta dos resíduos. Hoje, o trabalho é feito nos 22 PEVs (Ponto de Entrega Voluntária) espalhados nas comunidades. “Estamos tirando, por semana, duas a três toneladas de resíduos. É uma quantidade expressiva para a quantidade operacional que temos”, ressalta a atual presidente do projeto, Cintia Cruz, para quem a maior preocupação, em relação ao planeta, é a escassez das nossas riquezas. “Na minha visão, a natureza deveria ser o governo de fato”.

A revolução dos baldinhos é uma parceria da Frente Temporária de Trabalho, grupo de mulheres que atuava dentro da comunidade onde a Comcap

não chegava, e da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Qualidade de vida, soberania alimentar e economia circular dentro do bairro também estão no escopo.

CONSTRUÇÃO COLETIVA

Cintia participa da revolução desde 2010 e defende a importância da construção coletiva. “Não adianta falar da questão do resíduo, sem trabalhar o ser que gera o resíduo. O ser humano precisa ter noção do que consumir e, quando consumir, o que esse consumo tem de impacto”, enfatiza.

Para além do trabalho voltado à sustentabilidade, a revolução consegue captar outras mazelas das comunidades. “Através do monitoramento dos pontos de entrega, entendemos que a fome ainda era muito presente. Tinha gente que não estava separando, porque não estava sobrando”, conta a presidente.

Aos 34 anos, Cintia se autodenomina “replicadora do saber” e “educadora popular”. Para ela, todo mundo tem conhecimento para repassar. “Nossa maior riqueza é a natureza. Tudo que temos, desde a nossa roupa, alimentação, água para o banho, nossas coisas dentro de casa... Tudo está relacionado com a natureza e ninguém valoriza. Isso é burrice, é irracional na verdade”, afirma a ativista da sustentabilidade.



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND



Movimento que nasceu nas comunidades Chico Mendes e Nossa Senhora da Glória sensibiliza moradores para a importância da separação da matéria orgânica

“Quero ver a comunidade compostando em grande escala”, diz presidente do projeto

Nascida e criada no Monte Cristo, Cintia preside a revolução dos baldinhos desde 2016 e se realiza por conseguir alterar a realidade onde vive. “O melhor disso tudo é que estou fazendo para os meus, dentro do meu contexto. Isso é o que me dá força. Podemos fazer por nós e, às vezes, até melhor que o sistema. Isso que me deu gás de fazer o que faço hoje, de estar brigando pelo planeta”.

Falando sobre o que espera para o futuro, Cintia diz que quer ver mais gente entendendo

a importância da revolução dos baldinhos. “Que a gente consiga disseminar a gestão dos resíduos em outras realidades e comunidades. Quero ver a comunidade compostando em grande escala, e que a gente consiga, tirando da terra, o nosso alimento. Que a revolução esteja em várias comunidades, dentro dos equipamentos públicos. Que o município faça valer a agenda 2030, Floripa Lixo Zero, e que a gente consiga respeitar o nosso meio ambiente, acima de tudo”, sentencia.

Restaurante Lixo Zero

Empresária conta história do restaurante Casa Origem, estabelecimento de Florianópolis pioneiro em termos de sustentabilidade na área da alimentação

Em 2015, uma engenheira ambiental, uma geógrafa e um publicitário resolveram empreender, comercializando salada em potes de vidro no sistema delivery. Desde o início, um projeto sustentável, mas sem pretensão de ser o que é hoje: o restaurante Casa Origem. O estabelecimento abriu as portas em 2017 em Florianópolis e foi o primeiro do Brasil a ganhar a certificação Lixo Zero, conseguindo desviar dos aterros sanitários 90% dos resíduos totais gerados na casa.

“Apenas 10% dos nossos resíduos vão para os aterros. Dos 90% que desviamos, a maior parte é orgânico, que mandamos para a compostagem. O resto vai para reciclagem”, conta a engenheira ambiental Alexandra Lemos. Natural de São Paulo, ela é amiga do casal manezinho Arthur Ferreira dos Santos – o publicitário – e Joana Wosgrau Câmara – a geógrafa.

Em pouco mais de seis anos, desde a fundação, a Casa Origem é pioneira em termos de sustentabilidade na área de

alimentação. Um restaurante educativo e socialmente participativo. “Estamos sempre envolvidos nas questões de sociedade e meio ambiente. Dificilmente um restaurante trabalha com a quantidade de produtos orgânicos locais como nós”, ressalta Ale.

COLETIVIDADE

E a vizinhança também é impactada. “Mostramos a importância da compostagem para eles, disponibilizando duas bombonas para deixarem os resíduos orgânicos”, registra a empresária. “Para termos um planeta com a espécie humana, precisamos de uma mudança muito rápida e isso só é possível coletivamente: iniciativa pública, privada e civil trabalhando junto”, reforça.

Filhos de uma geração um pouco mais consciente – todos na casa dos 30 – o trio à frente da Casa Origem fez questão de trazer seus valores pessoais para a vida profissional. O resultado é um trabalho de sucesso, que ajuda a diminuir os danos no planeta.



A geógrafa Joana Wosgrau Câmara, a engenheira ambiental Alexandra Lemos e o publicitário Arthur Ferreira dos Santos se uniram em torno do projeto sustentável que ganhou a certificação de primeiro restaurante Lixo Zero do Brasil

Água e óleo não se misturam

Programa ReÓleo, da Acif, ensina sobre a destinação correta do óleo de cozinha e ajuda na preservação dos recursos hídricos na cidade

“Óleo, reóleo, óleo, reóleo, se você quer ser consciente, não jogue o óleo na pia. Isto entope o cano, polui mares, rios e a vida. Coloque seu óleo usado numa garrafa pet, no posto reóleo recolhe e a natureza agradece. Óleo, reóleo, óleo, reóleo...” Essa foi a canção que o economista carioca Luiz Falcão criou para explicar o ReÓleo, programa que reduz o impacto do óleo de cozinha no meio ambiente, conscientizando a população sobre o descarte adequado.

Falcão tem 74 anos, 47 deles na Ilha e 30 desenvolvendo palestras sobre o uso racional de energia elétrica na Eletrosul. Em 2011, depois de muito serviço prestado na área, veio o convite da Acif (Associação Empresarial de Florianópolis) para dirigir o ReÓleo. Criado em 1998, o programa ganhou novos ares com Falcão e colocou Florianópolis duas vezes no Guinness, em 2012 e 2015, como a cidade que mais recicla óleo de cozinha no mundo.

“A educação ambiental

é fundamental para que as pessoas sejam mais conscientes não só sobre sustentabilidade, mas a importância na construção de um futuro mais limpo para as futuras gerações. Isso só é possível com a adoção de práticas corretas e o incentivo ao uso moderado dos recursos naturais”, enfatiza Falcão.

O ReÓleo promove educação ambiental nas escolas e comunidades, ajuda a preservar os recursos hídricos, os ecossistemas e reduz a



Foto do projeto de antes da pandemia mostra doação de óleo

quantidade de gordura no sistema de coleta e tratamento de esgoto. Desde a criação, o programa arrecadou mais de 5 milhões de litros de óleo de cozinha, que seriam jogados na natureza, poupando mais de 5 trilhões de litros de água e impactando 59 mil pessoas.

Apaixonado pelo trabalho, Falcão fala do orgulho de fazer parte da história do ReÓleo. “Você se sente útil, atuante, participativo e isso, na vida do ser humano, é fundamental. Você tem que objetivar deixar alguma coisa”, afirma o ativista do meio ambiente.

MOTIVOS PARA TRAZER SUA EMPRESA PARA O CORPORATE PARK



- Valor de m2 competitivo.
- Carência para adaptações e mudança.
- Salas com piso elevado, forro termoacústico e luminárias.
- Grande área verde com espaços para convivência ao ar livre.
- Gerador compartilhado.
- Restaurante e 2 cafés.
- Acesso fácil junto ao trevo de Santo Antônio de Lisboa.
- Coworking no empreendimento.
- Estrutura de serviços com posto bancário e farmácia.
- Baixo custo de condomínio com gestão própria.
- Espaço para eventos e reuniões com auditório.
- Cinema no empreendimento.
- Sistema de energia solar.
- Fibra ótica de vários fornecedores a livre escolha.

CORPORATE PARK
CENTRO EMPRESARIAL

(48) 3239-7777 / 99981-6585
www.raincorporacoes.com.br
[@corporate.park](https://www.instagram.com/corporate.park)

Corporate Park é pioneiro e referência em sustentabilidade

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

Estrutura foi criada com foco na preservação dos recursos naturais, do interior à área externa

O debate sobre a forma como as empresas enxergam a sustentabilidade na dinâmica de seus negócios ganhou fôlego no último ano, com o início da pandemia de Covid-19, que evidenciou, em todo o mundo, a urgência na inclusão de ações voltadas à temática nos empreendimentos.

Em Florianópolis, no entanto, esses princípios já nortearam toda a concepção e construção do Corporate Park, primeiro parque corporativo de grande porte da cidade, fundado há 12 anos. O empreendimento já nasceu pioneiro em sustentabilidade e tecnologia e atraiu algumas das principais empresas de TI da região. O empreendimento também se tornou referência em sustentabilidade na Capital.

De acordo com Felipe Campos Didoné, diretor da Rá Incorporações, empresa responsável pela construção e administração do empreendimento, o Corporate Park já tinha a sustentabilidade como diretriz a ser seguida, começando por seu projeto que pri-

Primeiro parque corporativo de grande porte da Capital, empreendimento movimentado setor de TI da região



vilegiava áreas verdes, baixa ocupação construtiva e salas que aproveitam muito a luz solar e a ventilação natural.

“Além disto, desde sua inauguração sempre tivemos muito cuidado com os recursos naturais, utilizando a água da chuva para os lagos do espaço e aproveitando o efluente da estação de tratamento de esgoto para a irrigação do seu amplo jardim. Com o tempo outros investimentos se somaram, como a energia solar, sistema de renovação de ar nas salas e um pioneiro programa de lixo zero”, explica.

Mais qualidade de vida

Para o futuro, Didoné avalia que as mudanças acarretadas pela pandemia devem permanecer no setor imobiliário corporativo, assim como muitas novas oportunidades.

“A expansão do home office trouxe a necessidade de as empresas melhorarem muito seus ambientes de trabalho, investindo em espaços bem planejados, arejados e com áreas de convivência bem dimensionadas. Pra isso, as questões de sustentabilidade deverão ser levadas em

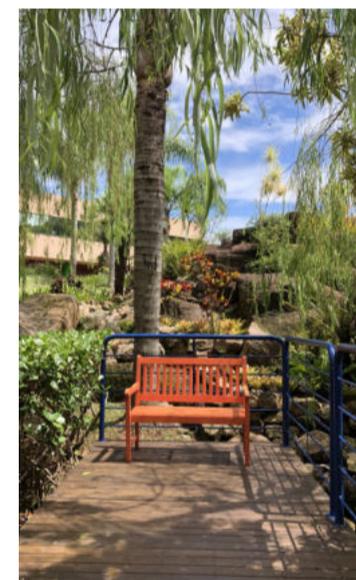
consideração”, analisa ele.

Empreendimentos autossuficientes em serviços e próximos a áreas residenciais, avalia o diretor, serão fortes tendências, pois privilegiam o pouco deslocamento das pessoas, auxiliando a mobilidade. “Espaços compartilhados, como coworkings, devem se expandir. O próprio Corporate Park dobrou a área de seu coworking (em parceria com o Cool2work) para atrair novos usuários em busca deste modelo”, finaliza Felipe Didoné.

Expansão no entorno

O empreendimento prevê novos investimentos em sustentabilidade e uma possível expansão nos próximos anos. A ideia, explica o diretor da Rá Incorporações, é participar de empreendimentos no entorno que complementem a oferta de serviços.

“Pretendemos nos manter na vanguarda em termos de tecnologia e sustentabilidade, sempre como uma referência importante no segmento imobiliário corporativo”, reforça Felipe Didoné.



Espaço privilegia as áreas verdes



Água da chuva é aproveitada para os lagos do espaço e o efluente da estação de tratamento de esgoto é usada na irrigação do jardim

Benefícios para a cidade

Os investimentos em sustentabilidade do Corporate Park também se traduzem em ganhos para todo o segmento e para a Capital. “Além de o empreendimento auxiliar o desenvolvimento do setor de TI, muito importante economicamente para Florianópolis e região, acreditamos que qualquer investimento em sustentabilidade terá seu benefício para as próximas gerações”, ressalta Didoné.

O parque também se tornou referência para outros empreendimentos que foram inaugurados depois no Norte da Ilha – na época, uma região considerada fora do circuito central da Capital e carente de empreendimentos comerciais. Mais de uma década após sua inauguração, o espaço segue atual em termos de tecnologia e sustentabilidade e é competitivo em preço de aluguel e condições de locação.

Como Florianópolis pretende chegar a 'Lixo Zero' até 2030

Projeto quer *desviar dos aterros sanitários* em até duas décadas 95% dos resíduos orgânicos e 60% dos recicláveis secos. Para isso, *comunidades precisam colaborar* com o poder público

Lorenzo Dornelles

lorenzo.dornelles@ndmais.com.br

Você pode até não saber, mas toda vez que faz sua parte e recicla o próprio lixo, está ajudando na renda e sobrevivência de 370 pessoas em Florianópolis, além de colaborar com o meio ambiente e também com o próprio bolso. Todas estas vantagens motivam a Capital catarinense a projetar a meta de ter "Lixo Zero" até o ano de 2030. O compromisso visa desviar 95% dos resíduos orgânicos e 60% dos recicláveis secos do aterro sanitário.

Davi Chaves da Silva, de 20 anos, faz parte de uma das mais de 200 famílias que têm sua renda vinda de um dos sete galpões instalados em Florianópolis onde parte do material reciclável é levado. "A quantidade de resíduos não recicláveis que chega em nossa associação é de 30%. Então, com esse planejamento da prefeitura de chegar a 95% do lixo orgânico a ser reciclado, aumentaria gradativamente a renda de muitas famílias", afirma ele.

A presidente da ACRM (Associação de Coletores de Materiais Recicláveis), Sarajane Rodrigues, vive da renda das coletas há mais de 20 anos, e acredita que o avanço considerável na reciclagem irá representar uma grande melhora na qualidade de vida dos trabalhadores.

Segundo ela, é possível que o aumento na renda dos catadores passe de 50%, caso os números estimados pela prefeitura realmente sejam alcançados.

"Vai ser muito bom se isto acontecer, eu trabalho com isso porque gosto muito, até já saí e fui para um emprego fixo, mas não me adaptei.

Várias outras pessoas também estão lá por escolha própria, então se melhorar a qualidade irá impactar positivamente na vida das pessoas", destaca a presidente da associação.

"Com a reciclagem, o morador está contribuindo em uma cadeia social. Por que esse material da coleta seletiva é direcionado para a associação de catadores, que dependem da matéria-prima para conseguir renda e manter sua sobrevivência", afirma o engenheiro sanitário e superintendente de gestão de resíduos da Prefeitura de Florianópolis, Ulisses Bianchini.

CUSTO ALTO

Davi Chaves reforça que, no atual momento econômico de alta nos preços, custos de vida e de desemprego, a renda dos resíduos se tornou fundamental para muitas pessoas.

"O aumento dos recicláveis ajudaria muitas famílias que dependem dos materiais, pois muitos estão desempregados e a única fonte de renda é a reciclagem. Por isso, a separação de reciclagem que você faz em casa pode ajudar uma família que depende dessa fonte de renda", pondera.

E não é só a vida dos catadores que é influenciada com a reciclagem. A falta deste serviço dói no bolso de toda a população.

"Com a falta da reciclagem, o material tem que ter um destino, que hoje em dia é o aterro sanitário. Esse aterro tem custos para o município, e isso é revertido para o morador, que é quem paga para enterrar esse material. Ele deixa de ser uma matéria-prima, que poderia entrar no ciclo de produção e passa, aí sim, a ser um lixo", alerta Ulisses Bianchini.

Sarajane Rodrigues vive da coleta de lixo há 20 anos e diz que o avanço da reciclagem vai proporcionar aumento de renda para ela e impactar positivamente a cidade



ARQUIVO PESSOAL/SARAJANE RODRIGUES/ND



PMF/DIVULGAÇÃO/ND

Nos próximos anos a Comcap vai ampliar a chamada coleta flex, que começou em junho de 2021. Com equipamentos especiais, o modelo trabalha em quatro frações separadas: recicláveis secos, vidros, orgânicos compostáveis e rejeitos

Prejuízos ambientais

As reações indiretas que a falta da reciclagem pode gerar em uma cidade são inúmeras. A degradação do meio ambiente é um dos principais exemplos.

"Se você não tem uma coleta seletiva na cidade, consequentemente toda a matéria-prima que está circulando dentro dos resíduos é descartada. Então você está forçando o mercado a colocar uma matéria-prima virgem, ou seja, explorando recursos do meio ambiente", alerta o superintendente de gestão de resíduos da Prefeitura de Florianópolis, Ulisses Bianchini.

A falta de pontos adequados para os moradores depositarem seus resíduos, e os lixões nas cidades são os grandes vilões, conforme avalia o especialista.

"O que a gente observa em quase todos os municípios é que quando não tem muita oferta de destino

ambientalmente adequada dos resíduos, acaba aumentando os pontos de descarte e é quando os moradores jogam o lixo em qualquer lugar, em cantinhos, atrás de muros, etc. Isso, em uma chuva, pode causar enchentes, alagamentos", alerta ele.

Quando os resíduos são descartados em aterros sanitários, o dano ambiental até é menor, ressalta Ulisses Bianchini. "O aterro é licenciado e um ponto de destino final ambientalmente adequado, porque tem centro de controle de chorume e gases".

No entanto, ao longo dos anos o aterro sanitário gera gases tóxicos, que são subprodutos da decomposição e da eventual queima dos lixos, extremamente nocivos para o meio ambiente, podendo provocar desequilíbrios climáticos, por exemplo.

RAIO-X DE FLORIANÓPOLIS E AS METAS ATÉ 2030

■ Mais de 90% dos resíduos gerados em Florianópolis são exportados para aterro sanitário em Biguaçu, a 40 km do transbordo.

■ Hoje 90% das 700 toneladas diárias de lixo recolhido são inutilizadas por não haver separação prévia.



■ A meta para 2030 é desviar do aterro sanitário 90% dos resíduos orgânicos (restos de cozinha, quintal e jardim) e 60% dos recicláveis secos (vidro, metal, plástico, papelão e papel).

■ Hoje a cidade ganha R\$ 9,9 milhões ao ano com reciclagem. Com atendimento das metas de lixo zero, os ganhos anuais passarão para R\$ 55 milhões. Deste valor, R\$ 15,7 milhões serão de redução de custos com aterro e R\$ 40 milhões só com a reciclagem em si.

Política de lixo zero precisa da participação de moradores

A Prefeitura de Florianópolis tem em andamento um planejamento para mudar radicalmente os números de coleta de resíduos nos próximos anos. "Através de um decreto municipal, a prefeitura assumiu esse compromisso. A meta é que até 2030 o município tem que desviar do aterro sanitário até 90% dos orgânicos e 60% dos recicláveis secos", resume Ulisses Bianchini.

O engenheiro sanitário informa que, com este ideal, a grande maioria dos resíduos da Capital pode ser reaproveitada. "A cada 1kg de resíduo que pegamos, 43% é de recicláveis secos e 35% de orgânicos. Os 22% que sobram são de rejeitos, que não temos como aproveitar, então vão continuar indo para o aterro".

Bianchini ressalta que o papel da prefeitura é dar condições para que a meta seja cumprida, mas nada será possível sem a participação dos moradores. "O decreto foi emitido pelo poder público, mas o compromisso passa por investimentos e por oferecer alternativas para a população. Porque essa meta não é da prefeitura, da secretaria, do prefeito... é dos moradores do município de Florianópolis. Eles têm que participar do processo para que a gente consiga chegar em 2030 com a meta batida."



Conscientização ambiental de cada cidadão é fundamental para contribuir no processo de reciclagem do lixo

"O futuro é o que importa": como a cidade se prepara para alcançar a meta?

O secretário do Meio Ambiente de Florianópolis, Fábio Braga, destaca que o desafio de ter lixo zero na cidade é muito grande, mas garante que a Capital tem tudo para atingir o objetivo.

"O futuro é o que importa. Para atingir a meta de recuperar 60% dos recicláveis e 90% dos orgânicos temos de aumentar cinco vezes a coleta seletiva de secos e 15 vezes a de compostáveis. Esse é o tamanho do desafio para esta década. Para isso, a Comcap, agora Superintendência de Gestão de Resíduos vinculada à Secretaria Municipal do Meio Ambiente, investiu R\$ 10 milhões em equipamentos para coleta seletiva nos dois últimos anos. Estamos prontos."

Falando em dados, em nove anos a reciclagem terá um salto enorme, segundo o planejamento do secretário.

"A estimativa é que, em 2030, a coleta seletiva amplie de 12 mil para 50 mil toneladas ano. Também trabalhamos para que a valorização de orgânicos que hoje é de 4,6 mil toneladas salte para 66 mil toneladas. Se hoje Floripa já ganha R\$ 9,9 milhões com a reciclagem, passaremos a reinserir no ciclo econômico ou da natureza, por meio da agricultura urbana, valor equivalente a R\$ 55 milhões. Sem contar a riqueza intangível de melhorar muito a pegada ecológica dessa cidade linda e frágil que hoje importa 65% da água que consome e exporta 90% dos resíduos que gera", conclui o secretário.

Para além de 2030: quais os próximos passos da reciclagem?

De acordo com o superintendente da gestão de resíduos da Prefeitura de Florianópolis, os próximos passos serão os investimentos em tecnologia, implantação de calendário de coletas diferenciadas por dia e o fortalecimento do trabalho de conscientização da população.

"A gente já vem imaginando o que pode vir pela frente, porque hoje estamos desviando 8% e já existe uma demanda no processo de triagem das associações, no processo de compostagem. Vamos ter que entrar com muitos modelos de tecnologia para aumentar a eficiência do processo. Um caminho pode ser fazer com que a população participe ainda mais da separação de resíduos, pois assim ganharíamos produtividade já na coleta."

Assim como em outras áreas da sociedade, a tecnologia vai ganhar cada vez mais espaço

nos processos de reciclagem.

"Vamos ter a necessidade de evoluir no processo tecnológico na área dos orgânicos para que acelere o processo de compostagem. Hoje a gente demora até cinco meses para o resíduo se transformar em um composto", avalia Ulisses Bianchini.

Um exemplo realista que pode ser previsto são as centrais automatizadas de compostagem, que podem agilizar muito o processo.

"O que conseguimos imaginar é que tenhamos centrais automatizadas de triagem dos resíduos, aumentando a capacidade. Mecanismos criando condições ideais para que o processo de compostagem seja acelerado e transforme os restos alimentares em composto orgânico em um tempo muito menor. Vale ressaltar que essas centrais já utilizam muitas au-

tomatizações, como um raio-x por exemplo, onde já identifica quais os tipos de materiais que estão em uma esteira e já faz uma separação mecanizada".

Florianópolis ainda está longe de ter esta tecnologia implementada, mas com o eventual sucesso da política de reciclagem, tudo isso pode se tornar viável em 10 anos.

"Isso ainda não existe em Florianópolis, mas já é realidade. Em São Paulo há duas centrais automatizadas, onde cada uma processa 250 toneladas por dia. A questão é a situação financeira e de logística, porque coletando 8%, não temos viabilidade financeira para implantar uma unidade dessas, mas assim que passar a desviar 60%, aí sim já há condições. É um processo de automatização que deve chegar depois de 2030", pontua Ulisses Bianchini.

AS CINCO ETAPAS DO CICLO VIRTUOSO E CONSCIENTE PARA O MANEJO CORRETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS



Consumo consciente.

2 Segregação e disposição em três frações (rejeitos, orgânicos e recicláveis secos).



Coleta separada em três frações.



Encaminhamento adequado.



Retorno dos materiais ao ciclo produtivo ou à natureza.

SUSTENTABILIDADE

Desenhar e pensar no que está por vir fazem parte do **DNA Portobello**.

Projetar é o que nos permite **minimizar o impacto** do que construímos, é o que faz o futuro viável.

Responsabilidade é **entender nosso papel** no ecossistema em que vivemos.



Confira nosso Relatório de Sustentabilidade, com todas as ações que ajudam a construir um futuro onde todos evoluímos juntos.

Portobello

Portobello: cada vez mais sustentável e colaborativa

Maior rede de varejo de revestimentos do Brasil, a Portobello se destaca na criação de produtos dentro de um processo que se preocupa com o meio ambiente, economia local e bem-estar da comunidade

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

São muitas as ações que tornam a Portobello um exemplo de empresa nacional sustentável, que trabalha constantemente por melhores condições nos aspectos ambientais, sociais e econômicos. Seus resíduos são ressignificados; toda água usada no processo industrial é reaproveitada; e sua matriz energética é limpa. São ações pensadas para causar o menor impacto ambiental possível.

Essa consciência ancorada na sustentabilidade pode ser vista nos produtos Portobello. Os revestimentos cerâmicos substituem recursos naturais não renováveis de maneira que faz muito mais sentido técnica e ambientalmente. No caso da Portobello, são especialmente sustentáveis. A empresa se preocupa com a exploração e recuperação das jazidas, com a origem da água, e com o bem-estar da comunidade ao redor de sua área de atuação.

Em 2020, foram mais de 36 milhões de metros quadrados de revestimentos de origem sustentável distribuídos no Brasil e

no mundo. Entre eles, as Lastras Portobello, superfícies de porcelanato de até 1,60x3,20m, produzidas com exclusividade pela empresa no país. Além de sinônimo de elegância e amplitude para os ambientes, as lastras contribuem para transformar a sustentabilidade em realidade na arquitetura, desde a produção até sua aplicação.

Outra iniciativa sustentável da Portobello é o Cobogó Mundaú. A peça é produzida a partir da casca do sururu triturada, em substituição da areia, na composição com o cimento. A extração do molusco sururu era uma questão ambiental para a comunidade de Vergel do Lago, em Maceió. Como a casca não tinha uma utilidade prática, mais de 300 toneladas por mês eram descartadas sem nenhum reaproveitamento e acabavam parando nas margens da Lagoa do Mundaú, causando poluição e mau cheiro. Além da preservação ambiental através de uma solução sustentável, o Cobogó Mundaú possibilita a geração de trabalho em escala para a comunidade atra-

Empresa prioriza o meio ambiente em todas as ações



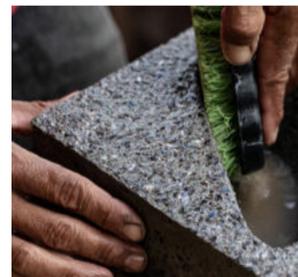
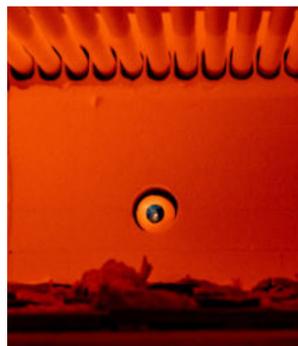
vés da reciclagem do resíduo, proporcionando uma economia circular de valor agregado.

No ano passado, a Portobello avançou também na governança da empresa com a criação de comitês de gestão ligados ao Conselho de Administração, com destaque para o Comitê de Sustentabilidade. O objetivo é orientar

a visão estratégica, integrar as ações das unidades Portobello e possibilitar uma atuação mais efetiva e estruturada, alinhada aos princípios de ESG, gerando impactos positivos no meio ambiente, na sociedade e nos negócios. Prova disso é que, em 2021, a empresa se tornou signatária do Pacto Global ONU Brasil, buscando alinhar suas práticas e estratégias

aos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável).

Nas fábricas da Portobello, todos os resíduos dos processos e da cadeia de transformação são devidamente destinados. Assim, aproximadamente 99% deles são reutilizados e os demais são reciclados. Somente 0,07% do volume total é designado para os aterros industriais.



Na Portobello, os resíduos são ressignificados e a água usada no processo industrial é reaproveitada

Portobello: o olhar para o futuro

Ser cada vez mais sustentável, plural, conectada e acessível está entre os principais objetivos da Portobello. Para construir o futuro em que acredita, a empresa aposta em iniciativas que englobam todos os negócios e lojas Portobello Shop, criando uma

rede consciente e ativa para uma arquitetura mais inteligente e otimizada. Entre essas ações estão o incentivo ao uso racional da água e de energia alternativa, acessibilidade física, de informações e digital, conscientização dos colaboradores, profissionais e clientes

sobre a destinação correta de resíduos de revestimentos, e políticas de recrutamento e seleção que visam a diversidade.

A forma de se relacionar faz parte da cultura da marca e apresenta-se como um diferencial na sustentabilidade, principalmente

pela combinação de ética e confiabilidade com o jeito próximo, receptivo e acolhedor da Portobello. Ao olhar para o futuro, a empresa também prioriza a conexão com as pessoas e a experiência no relacionamento que inspira, emociona e engaja,

gerando valor para os clientes e empoderando a equipe para construir relações de longo prazo. Essa cultura é um ativo imaterial da Portobello, que traz protagonismo às pessoas e potencializa a evolução da companhia cada vez mais para o varejo.

“O que o mundo precisa é de uma corrida ao topo, com vontade política, inovação, financiamento e parcerias”

Representante da ONU (Organização das Nações Unidas), Asher Lessels fala com exclusividade ao ND sobre os desafios das cidades para avançar na sustentabilidade no futuro, como será o mundo pós-pandemia e de que forma governos e cidadãos podem se unir para criar um mundo mais sustentável.

Asher Lessels gerencia o portfólio do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) de projetos de mitigação do GEF (Global Environmental Facility) na América Latina e no Caribe. O portfólio consiste em mais de 30 projetos que visam acelerar o desenvolvimento

sustentável e de baixa emissão. Asher trabalhou por sete anos no Secretariado de Mudanças Climáticas das Nações Unidas, onde apoiou países nas negociações e na formulação de políticas sobre desenvolvimento e transferência de tecnologias climáticas, inclusive no Acordo de Paris.



Asher Lessels, gerente da ONU

■ Quais são os principais desafios das cidades e de que forma esses temas se relacionam com a questão da sustentabilidade?

Na minha opinião, o maior desafio que as cidades enfrentam é continuar a desenvolver-se de forma a responder às necessidades de seus cidadãos e cidadãs, ao mesmo tempo em que se adapta aos crescentes impactos das mudanças climáticas.

Mais da metade da população mundial vive em cidades, e é provável que aumente para mais de dois terços até 2030. As cidades são nossa casa e exigimos que elas nos forneçam bens e serviços para garantir nosso bem-estar e meios de subsistência, inclusive aqueles relacionados à habitação, segurança, saúde, emprego, recreação etc. As cidades também usam uma grande proporção do suprimento de energia mundial e são responsáveis por cerca de 70% das emissões globais de gases de efeito estufa relacionadas à energia, que resultam no aquecimento da Terra.

Ao mesmo tempo, apesar de serem a principal causa das alterações climáticas, as cidades também são as mais afetadas. O aumento das temperaturas globais faz com que o nível do mar suba, o número de eventos climáticos extremos cresça – como inundações, secas e tempestades –, e amplia a disseminação de doenças tropicais. Tudo isso tem impactos onerosos sobre os serviços básicos das cidades, infraestrutura, habitação, meios de subsistência humanos e saúde.

O novo relatório do IPCC (Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), publicado em 9 de agosto, observou que alguns aspectos das mudanças climáticas podem ser amplificados, incluindo o calor (já que as áreas urbanas são geralmente mais quentes do que seus arredores); inundações, devido a eventos de forte precipitação; e aumento do nível do mar nas cidades costeiras.

Tanto os aspectos de desenvolvimento quanto de adaptação estão intrinsecamente ligados à sustentabilidade. Desejamos cidades que tenham ar puro para os nossos filhos respirarem, espaços verdes para brincar e relaxar ao virar da esquina de nossa casa, ruas que não alaguem e transmitam doenças pela água. Desejamos cidades onde podemos nos deslocar para o trabalho sem passarmos uma hora e meia em um carro. Desejamos cidades nas quais nossas mães, esposas e filhas possam viajar com segurança no transporte público.

Para alcançar esses desejos, temos que pensar em soluções de desenvolvimento urbano que considerem fatores sociais, ambientais e econômicos.



FÁBIO ABREU/ND

■ Com a pandemia, os desafios das cidades mudaram?

Além de a pandemia apresentar um novo e trágico desafio que as cidades têm de enfrentar, eu diria que a pandemia multiplicou e ampliou alguns dos desafios urbanos existentes. Por exemplo, na América Latina e no Caribe, em um contexto de desigualdades já amplas, altos níveis de trabalho informal e serviços de saúde fragmentados, as populações e indivíduos mais vulneráveis são os mais afetados. As mulheres, que constituem a maioria da força de trabalho nos setores econômicos mais afetados, agora também devem arcar com o fardo do cuidado adicional. A educação foi interrompida em toda a região. As dificuldades econômicas aumentaram exponencialmente. Cidades, que têm recursos humanos e financeiros limitados, precisam encontrar uma maneira de se concentrar na gestão da crise de saúde, bem como enfrentar os desafios econômicos e sociais que já estavam presentes no contexto urbano e que agora foram ampliados.

Na ONU, o foco principal é apoiar e encorajar os países e cidades a “reconstruir melhor” (build back better) dos pontos baixos da pandemia. Ou seja, como podemos facilitar uma recuperação social, ambiental e economicamente positiva? Um exemplo: a pandemia levou a um aumento exponencial na compra e uso de bicicletas à medida que as necessidades de transporte mudam. Como podemos reconstruir, a partir dessas mudanças comportamentais, para desenvolver nossas cidades de uma forma mais sustentável? Existem muitas ideias excelentes sobre como isso pode ser feito.

“Temos que pensar em soluções de desenvolvimento urbano que considerem fatores sociais, ambientais e econômicos.”

Asher Lessels,
gerente da ONU

■ O que você vislumbra para o futuro das cidades?

Estima-se que em 2030 mais de dois terços da população mundial viverão em cidades. Assim, o futuro nos apresenta um mundo cada vez mais urbanizado. Em relação a como serão as cidades no futuro, acredito que não haja mais do que uma opção de caminho a seguir: as cidades têm que se desenvolver de forma sustentável. Elas têm que se desenvolver com baixas emissões de gases de efeito estufa se quisermos viver em um mundo semelhante ao que temos hoje. Não fazer isso, conforme observado nos relatórios do IPCC divulgado em 9 de agosto, levará a um mundo de efeitos climáticos extremos e fora da experiência humana de até então, incluindo aumento de secas sérias e prolongadas, furacões e inundações.

Dado o seu papel como centros de inovação e criatividade, também olhamos para as cidades para nos fornecerem respostas. Soluções e inovações de energia, construção, mobilidade e planejamento nas cidades têm o potencial de proporcionar grandes cortes nas emissões de gases de efeito estufa e fornecer outros benefícios de sustentabilidade. Além disso, as cidades são focos de inovação local – soluções locais para os desafios locais – e o Brasil é dinâmico nessa área. Somente por meio de soluções locais iremos enfrentar os desafios urbanos de uma forma que funcione para os residentes locais e seja duradouro.



Embora eu tenha observado anteriormente que as cidades estão fazendo muito para se desenvolver de forma sustentável, devo observar que muito mais precisa ser feito. Para muitos governos locais, um dos maiores desafios é identificar quais soluções podem funcionar no contexto local e que levarão a resultados e benefícios verdadeiramente sustentáveis. O Brasil está fazendo muito para identificar soluções. Por exemplo, o Centro para Gestão e Estudos Estratégicos desenvolveu um Observatório de Inovações para Cidades Sustentáveis, que oferece aos gestores das cidades um vasto leque de soluções, relevantes para o contexto brasileiro, para facilitar o desenvolvimento sustentável.

As cidades serão transformadas e se tornarão mais sustentáveis, conforme as soluções existirem: energia limpa e verde está mais acessível e competitiva do que nunca. Como observou o secretário-geral da ONU, António Guterres, a Idade da Pedra não acabou porque o mundo ficou sem pedras. Acabou porque havia alternativas melhores. E o mesmo se aplica hoje aos combustíveis fósseis.

■ Quando se fala em sustentabilidade se pensa em ações de governos, metas globais. As administrações municipais também podem tomar medidas sustentáveis? De que forma isso acontece?

Os governos locais são a chave! E eles sabem disso. Em minhas discussões com prefeituras em toda a América Latina, da Argentina e Brasil à Costa Rica, vejo que as autoridades municipais estão pensando em como acelerar o desenvolvimento urbano sustentável. Muitas cidades estão desenvolvendo planos locais de ação climática – Recife publicou seus planos em dezembro do ano passado, e outras cidades brasileiras também o fizeram –, que apresentam uma visão e uma lista de ações para empreender o desenvolvimento urbano sustentável e apoiar a realização de metas climáticas internacionais, bem como as metas de desenvolvimento sustentável.

Para nós, que vivemos em cidades, o governo municipal é o representante político mais próximo a quem podemos expressar nossas necessidades e preocupações. Como

eles são nossos representantes eleitos, o governo municipal está agindo de acordo com os desejos de seus residentes – para realizar a mudança positiva que desejamos.

Um grande trabalho está sendo feito por cidades de todo o Brasil e do mundo para acelerar o desenvolvimento sustentável. O programa de cidades sustentáveis em São Paulo tem um ótimo banco de dados sobre boas práticas de medidas de desenvolvimento sustentável, que destaca o que as cidades brasileiras, grandes e pequenas, estão fazendo para o desenvolvimento sustentável. Brasília, por exemplo, está trabalhando para limpar o solo do antigo lixão estrutural, que antigamente era o maior depósito de lixo a céu aberto na América Latina, por meio do uso de tecnologias inovadoras. Isso é feito para garantir que os resíduos não contaminem as fontes de água potável da cidade.

■ No passado se falava em aquecimento global como se fosse algo do futuro, mas cada vez temos as hipóteses que são reflexo do aquecimento global. Temperaturas extremas, fenômenos climáticos e até desastres. O que falta para existir um despertar coletivo para essas questões?

Boa pergunta. O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, classificou as mudanças climáticas como “a ameaça mais sistêmica para a humanidade”. Ele mesmo observou que “estou começando a me perguntar quantos alarmes mais devem soar antes que o mundo esteja à altura do desafio”.

O desafio da mudança climática é duplo. Por um lado, sabemos que pode ser difícil lidar com problemas que parecem estar a anos ou décadas de distância. Por outro lado, também temos 'amnésia geracional', ou seja, cada geração recebe um mundo que foi moldado por seus predecessores – e então, aparentemente, esquece esse fato. No contexto do meio-ambiente, existe o risco que cada geração perceba o ambiente em que nasceu, por mais desenvolvido, urbanizado ou poluído que seja, como a norma. Assim, existe o risco de percebermos o clima extremo que já nos afeta como o estado normal das coisas. E não se engane, com a temperatura global mais de 1 grau acima dos tempos pré-industriais, já estamos experimentando efeitos significativos. Lembre-se de que, no Acordo de Paris, os países se comprometeram a restringir o aquecimento global idealmente a 1,5 grau para evitar

impactos perigosos; e já estamos em 1,1.

Nosso problema não é que não saibamos o que fazer, é a rapidez com que podemos fazê-lo. O que o mundo precisa é de uma corrida ao topo, com vontade política, inovação, financiamento e parcerias.

A cada dia cresce a consciência sobre a ameaça que as mudanças climáticas representam para o nosso modo de vida; e cada vez mais estamos todos tomando medidas para enfrentar esse desafio. Por exemplo, nos últimos anos, vimos crianças e adolescentes em todo o mundo manifestando preocupações sobre a eficácia e a ambição dos esforços atuais.

As cidades desempenharão, e estão desempenhando, um papel fundamental na conscientização e na liderança da mudança coletiva. As cidades que implementam ônibus elétricos geram entusiasmo entre os cidadãos e demonstram que os veículos elétricos não são o futuro, são o agora. As cidades que colocam painéis solares nos telhados das escolas demonstram que a energia solar é uma forma econômica de gerar eletricidade. Cidades que implementam sistemas de reciclagem abrangentes demonstram que a economia circular é agora. Todas essas ações ajudam a conscientizar a nós, moradores, sobre quão empolgantes e viáveis são essas soluções sustentáveis.

NOVA ENGEVIX

Há 56 anos andando de mãos dadas com o desenvolvimento do Brasil e de Santa Catarina

Não à toa, escolhemos Santa Catarina como lar para o nosso maior ativo: a Usina Hidrelétrica de São Roque.

Com projetos reconhecidos nos quatro cantos do mundo, estamos sempre prontos para oferecer soluções globais de engenharia, aliadas à sustentabilidade e responsabilidade social.



Agenda ESG: investimento em energia limpa e ações sustentáveis

Nova Participações intensifica visão estratégica e apresenta suas vantagens competitivas

A agenda ESG vem ganhando corpo nos últimos anos e acabou acelerada pela pandemia de covid-19. Ela é – ou pelo menos deve ser – sinônimo de que um país está em progresso. Para os próximos anos, a tendência é que siga em alta. E é nesse sentido que grandes empresas brasileiras apostam na causa e entram na corrida com projetos que possam ajudar a restabelecer a reputação do Brasil.

A holding Nova Participações, com uma das sedes localizadas em Florianópolis e detentora da já conhecida Nova Engevix Engenharia e Nova Engevix Construções, quer deixar claro que daqui para frente as estratégias estão voltadas para a sustentabilidade e políticas de governança. “As antigas práticas – mas nunca tão atuais –, são porta de abertura para os negócios. Empresas contratam empresas que tragam a elas valores sociais, de sustentabilidade e segurança na governança.

A agenda ESG é uma tendência global onde os efeitos negativos serão, firmemente, sentidos no futuro”, afirma Yoshiaki Fujimori, CEO da Nova Participações.

No pós-covid, os esforços para diversificação da matriz energética e tendências sustentáveis ganham ainda mais força, além de serem claras as possibilidades de recuperação de economias pelos quatro cantos do mundo. São 21 países investindo mais de US\$ 2 bilhões em energias renováveis. E o Brasil figura entre as três economias mais atraentes para investimentos em energia limpa.

PROJETOS

Nessa linha, a aposta da companhia é na energia solar. Com a missão de tirar do papel um dos maiores programas de energia renovável do mundo, a empresa vem se dedicando ao projeto de construção do Parque Solar do Canindé, em Sergipe, que terá capacidade

Holding Nova Participações foca em estratégias voltadas à preservação do meio ambiente e políticas de governança



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

de de geração de 1.292 MW.

O parque a ser construído fica a uma distância máxima de 30 quilômetros das centrais hidrelétricas de Xingó e Paulo Afonso, no Rio São Francisco. O projeto começou a ser desenvolvido em 2017, quando o grupo instalou uma estação de medição fotovoltaica em Canindé de São Francisco. Com o estudo de viabilidade muito bem desenhado, a estimativa de

investimento é de R\$ 5 bilhões, a ser implantado em quatro diferentes etapas: de 2023 a 2027.

O envolvimento em trabalhos voltados à sustentabilidade não é iniciativa recente. No início da segunda metade da década de 90, a antiga Engevix se engajou numa série de projetos de energia limpa. À época, foi criada então a Desenvix, Companhia voltada para investimentos em geração de energia renovável.

Num curto espaço de tempo, executaram projetos importantes e embarcaram na onda verde. Um dos maiores exemplos desse engajamento foi a implantação do Complexo Eólico Bahia, localizado no município de Brotas de Macaúbas, na microrregião da Chapada da Diamantina, a 590 km de Salvador. O empreendimento recebeu investimento de R\$ 425 milhões e colocou 57 turbinas eólicas em atividade.

A infraestrutura como protagonista

José Antunes também aposta todas as fichas no segmento da infraestrutura – que tem de tudo para ser um protagonista no processo de recuperação econômica. “O governo brasileiro possui as ferramentas para acelerar a retomada da geração de empregos. O Banco Central dispõe de mais de 350 bilhões de dólares em reservas. Desse valor, menos de

20% poderia ser aplicado em projetos de infraestrutura”.

A Nova Participações mantém a tradição de ser uma das maiores empresas no segmento. Em seu portfólio constam obras de modernização e expansão de grandes aeroportos brasileiros, tais como o Aeroporto de Manaus, o Aeroporto de Natal e o Aeroporto Internacional

de Brasília. Neste último, a capacidade foi ampliada para até 30 milhões de passageiros por ano e atualmente é o terceiro maior do país em movimentação de passageiros.

Por ora, a expectativa é de que os recentes investimentos em concessões de rodovias, ferrovias, portos, aeroportos e saneamento, possam gerar novos contratos ao grupo.

O “G” da agenda ESG da Nova Engevix:

Único certificado com reconhecimento internacional para um sistema antissuborno, a ISO 37001 vem sendo adotado em diversos países, tornando-se referência nas grandes companhias. Em linha com esse movimento, a holding recebeu neste ano o Certificado Antissuborno ISO 37001. Mais um passo importante na agenda de governança.

Em uma vibrante guinada que se deve aos anseios de tempos pautados na ética e transparência dos processos, certificações são sinônimo de virada de página no mundo corporativo. A partir da realização de Risk Assessment, a Companhia criou novos controles internos a fim de mitigar, principalmente, os riscos relacionados ao tema corrupção. Além dos treinamentos e auditorias, foi criado um novo Código de Ética e Condu-

ta com todas as políticas que tratam dos temas específicos de Anticorrupção e relacionamento com Poder Público.

“A certificação é consequência de muito trabalho. Resultado de contarmos com processos pautados na ética e integridade alinhados a padrões internacionais que combatem o suborno em todas as suas formas. E é de extrema importância que as diretorias também estejam 100% envolvidas”, afirma Adjair da Cunha, Diretor de Governança e Integridade do Grupo.

O movimento ESG é uma tendência global. Exemplo disso é a Nova Lei de Licitações (PL 4253/W2020), que determina que em licitações de grande vulto com orçamento superior a R\$ 200 milhões, serão exigidos implantação de Programa de Integridade.



Melhorias realizadas no aeroporto de Natal



Aeroporto de Brasília: capacidade ampliada

Futuro do meio ambiente depende do *esforço pela redução de gases*

Aquecimento provoca *ondas de calor*, eventos climáticos extremos, derretimento das geleiras com o consequente *aumento do nível dos mares*

A mobilização global pela sustentabilidade tem um objetivo: a redução de gases poluentes na atmosfera. Esses gases se concentram na atmosfera e produzem o efeito estufa de forma que o calor emitido pelo sol fica preso na superfície terrestre. Esse aquecimento promove ondas de calor, eventos climáticos extremos, derretimento das geleiras com o consequente aumento do nível dos mares, entre outros fenômenos. O debate sobre a adoção de medidas sustentáveis foca em reduzir a produção desses gases poluentes.

No Brasil, o Observatório do Clima monitora a emissão desses gases. Conforme o último relatório do Seeg (Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa), de 2019, os maiores produtores de gases no país estão divididos em 5 categorias: o desmatamento e as queimadas que consta

no relatório como Mudança do Uso de Terras e Florestas; a agropecuária; a geração de energia, os processos industriais e os resíduos sólidos.

O desmatamento e as queimadas puxam a fila dos setores poluentes no Brasil representando 44,4% das emissões. A degradação do solo para a agropecuária, por exemplo, assim como o corte ilegal das árvores são fatores fundamentais para o problema.

A agropecuária ocupa o segundo lugar com 27,5% da emissão de gases que vem da fermentação entérica - um processo digestivo natural que ocorre em animais ruminantes, como gado, ovelhas e cabras - e da criação de gado. O estrume deixado no pasto libera óxido nítrico, um gás de efeito estufa cuja contribuição, por tonelada, para o aquecimento global é muito maior do que a do dióxido de carbono.

O cultivo de arroz e os fertilizantes sintéticos também são fontes importantes, cada um contribuindo com mais de 10% das emissões.

Em terceiro lugar (19,2%) está o processo de produção de energia, especialmente através da emissão de gases pela queima de combustíveis fósseis. Matérias-primas como o carvão e o petróleo, por exemplo, são queimados para aquecer a água, provocando o vapor que movimenta as turbinas e gera energia. Neste processo, gases tóxicos são emitidos.

Os processos industriais ocupam o quarto lugar (4,5%) com a produção de diversos gases poluentes como o uso massivo de agrotóxicos no cultivo de alimentos e a fabricação de produtos químicos de base. A ocorrência de vazamentos e exposições de materiais tóxicos por acidente também podem causar desequilíbrios à natureza.

Rotina sustentável

As discussões globais sobre mudança climática e futuro do planeta passam pela implementação de conceitos sustentáveis. Ao longo das décadas, as nações têm se comprometido em reduzir a emissão de gases, mas no cotidiano cada um também pode tomar pequenas atitudes que promovem grandes impactos em escala global. O ND projetou um personagem fictício para ilustrar os hábitos de uma rotina sustentável.



CAFÉ DA MANHÃ NATURAL
Atitude sustentável: redução de produtos industrializados

A cadeia de produção de alimentos e de embalagens gera impacto ao meio ambiente. Substituir produtos industrializados por frutas e cereais reduz esses danos, além de ser saudável.



BANHO NO TEMPO CERTO
Atitude sustentável: redução do desperdício de água

No verão, ele é um refresco. No inverno é um caminho confortável para aquecer o corpo. Por ser tão gostoso, o banho é um dos maiores vilões do desperdício de água. Cada minuto de redução faz a diferença e ainda ajuda a baixar o valor da conta de luz.



IDA AO TRABALHO
Atitude sustentável: redução da emissão de gases no meio de transporte

Em várias cidades da Europa e dos Estados Unidos é comum uma fila de bicicletas nas ciclovias ao lado dos carros no horário de pico do deslocamento para o trabalho. A bicicleta é um dos meios de transporte menos poluentes. Ir trabalhar de bicicleta, além de poluir menos, promove saúde através da prática de exercício físico.



ALMOÇO
Atitude sustentável: redução do desperdício de comida

Deixar comida no prato representa colocar alimentos fora. Num mundo em que a miséria e fome não foram erradicadas, é fundamental ter essa consciência de que a atitude aqui afeta o outro hemisfério. Além disso, a alimentação tem pesado cada vez mais nos orçamentos familiares, então evitar o desperdício de alimentos representa também economia para o bolso.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INCENTIVAR O USO DAS BICICLETAS

Muitas cidades brasileiras ainda não oferecem estrutura adequada e segurança no trânsito para os ciclistas, também faltam vestiários e ambientes de trabalho que incentivem o uso da bike. Enquanto isso não acontece, o transporte coletivo é mais sustentável do que o carro.



Desmatamentos e queimadas no Brasil, como na Amazônia (foto), são desafios para o país

OS PRINCIPAIS EMISSORES DE GASES

Desmatamento e queimadas: **44,4%**

Agropecuária: **27,5%**

Processos para geração de energia: **19,2%**

Processos industriais: **4,5%**

Resíduos: **4,4%**

Manter a atual situação, em que a temperatura global é, em média, 1,1 grau mais alta que no período pré-industrial, não seria suficiente para reduzir os danos da alta emissão de gases.

ONU: clima em “alerta vermelho” para os próximos anos

Um relatório publicado pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) apontou que a temperatura global subirá 2,7 graus em 2100, se mantiver o atual ritmo de emissões de gases de efeito estufa. No novo relatório, o painel considera vários cenários, dependendo do nível de emissões que se alcance.

Manter a atual situação, em que a temperatura global é, em média, 1,1 grau mais

alta que no período pré-industrial (1850-1900), não seria suficiente: os cientistas preveem que, dessa forma, se alcançaria um aumento de 1,5 grau em 2040, de 2 graus em 2060 e de 2,7 em 2100.

Esse aumento teria como consequência acontecimentos climáticos extremos, como secas, inundações e ondas de calor, e está longe do objetivo de reduzir para menos de 2 graus, fixado no

Acordo de Paris, tratado no âmbito das nações, que fixa a redução de emissão de gases de efeito estufa a partir de 2020.

O estudo foi elaborado por 234 pesquisadores de 66 países. Os peritos reconhecem que a redução de emissões não terá efeitos visíveis na temperatura global até que se passem duas décadas.



PREFERÊNCIA PARA A LEITURA DE DOCUMENTOS NO MEIO DIGITAL

Atitude sustentável: redução do impacto florestal

Realmente precisa imprimir tantas folhas de papel? Se tiver que imprimir, quando possível, reduza o tamanho da fonte e faça a impressão em frente e verso da folha. O que sobrar de papel reutilize como rascunho. E se ainda assim você tiver que imprimir e sobrar muito papel, leve para um local de reciclagem. Tudo isso, além de poupar árvores, promove economia com aquisição de folhas.



REAPROVEITE O PLÁSTICO

Atitude sustentável: redução da poluição

O plástico é prático e auxilia bastante a rotina, mas ele tem um descarte complexo, pois o reaproveitamento custa caro. Sempre que possível, tente reaproveitar potes e embalagens. No trabalho, você pode levar a sua caneca para evitar usar copos plásticos. Existem ONGs que recolhem plásticos para fazer artesanato, outras recolhem tampinhas de garrafa. São diversas iniciativas comunitárias e colaborar com essa causa não custa nada, ao contrário. Os benefícios são diversos.



EVITE O DESPÉRCIO DE ENERGIA ELÉTRICA

Atitude sustentável: redução do consumo da energia.

O país passa por uma crise hídrica que produz impactos na produção de energia elétrica. Apagões elétricos já ocorreram por conta do excesso de consumo. No dia-a-dia, desligue as luzes da casa onde não há ninguém. Verifique se há equipamentos elétricos ligados consumindo energia e evite utilizar a máquina de lavar se não estiver cheia. É repetitivo, mas vale lembrar: além de fazer bem para o meio ambiente, essas medidas representam um alívio na conta de luz.

DESCARTE O ÓLEO DE COZINHA CORRETAMENTE

Atitude sustentável: reduz o impacto nos oceanos.

Um litro de óleo de cozinha pode impactar milhares de litros de água. Jamais descarte na pia da cozinha. Armazene o resto do óleo em potes e leve até o ponto de descarte da sua cidade. Existem grupos que reaproveitam esse óleo e transformam em sabão sustentável.

SEPARAÇÃO DO LIXO

Atitude sustentável: evita o descarte de produtos na natureza

O lixo orgânico se decompõe com facilidade e retorna para a natureza com facilidade. Já parte do lixo seco, especialmente o plástico, leva mais de um século para se decompor. Nos oceanos, já há partículas de plástico fragmentado que impactam na qualidade da água. Além disso, canudos e embalagens plásticas são encontradas com frequência no estômago de animais. Então o caminho é buscar informações sobre coleta seletiva e fazer a separação.

DESCARTE DE CASCAS NUMA COMPOSTEIRA

Atitude sustentável: redução da poluição

Cascas de frutas, restos de vegetais e de plantas podem ser colocados na composteira. Tudo isso vira nutriente para as minhocas que se alimentam desses produtos e produzem o chorume também rico em nutrientes e que pode ser utilizado para regar as plantas da casa. A manutenção de uma composteira é simples, ocupa pouco espaço e ao contrário do que muitos pensam, não há cheiro!

GRANDES OBRAS EXIGEM EXPERIÊNCIA PARA DESENVOLVER QUALIDADE.

Foto: Anderson Cecilio

 **PROSUL**

PROJETOS DE VIDA

 www.prosul.com

Extensão de faixa de areia na praia de Canasvieiras/Florianópolis

Prosul prioriza sustentabilidade nas obras realizadas pelo país

Especializada em elaborar, supervisionar e planejar obras de grande porte, a empresa diz que, hoje, nenhuma iniciativa nasce sem um projeto de engenharia e licenciamento ambiental

Há quase 30 anos, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em junho de 1992, no Rio de Janeiro, mudou definitivamente a relação da sociedade e da comunidade política internacional com o meio ambiente. Desde então, a busca pela adoção de práticas sustentáveis cresceu progressivamente e, hoje, direciona negócios e o modo como vive grande parte das pessoas em todo o mundo.

O empresário Wilfredo Brillinger, engenheiro, fundador e presidente da Prosul, empresa especializada em projetos, supervisão e planejamento de obras de grande porte, trabalha, portanto, diariamente com estas questões e reforça que as ações voltadas à sustentabilidade cresceram significativamente nos últimos anos.

“Hoje não é possível planejar ou executar uma obra sem um projeto de engenharia e licenciamento ambiental, isso não existia há mais de 30 anos, a cobrança também era menor na qualidade dos projetos. Agora você precisa mostrar como a obra vai se inserir no ambiente em que será executada. Em nossa empresa estamos muito focados nisso e é a prioridade. Quando vamos começar um projeto já logo pensamos onde vai ser o ambiente dessa obra, como será, como vamos fazer a interação com o meio ambiente?”, explica.

MEIO AMBIENTE

De acordo com Brillinger, a preocupação com o meio ambiente cresceu, à medida que a população passou a perceber as consequências de suas ações na natureza. “As pessoas começaram a enxergar que, se continuassem agindo como estavam antes, seus filhos e netos não teriam mais água potável, ar puro e o meio ambiente como conhecemos hoje, houve essa conscientização e, a partir disso, começou-se a elaborar normas e diretrizes para a melhoria desta situação. Em nosso segmento, avalio hoje que estamos muito bem no tocante à nossa área de meio ambiente, nas obras de infraestrutura pesada, rodovia, ferrovia, portos, saneamento. As ações ambientais são o nosso carro-chefe, pois o projeto de engenharia vem em primeiro lugar. Se não for respeitado, como um todo, inviabiliza o trabalho”, esclarece.



Beira-Mar Continental, em Florianópolis, foi uma das obras realizadas pela Prosul

Ações em quase todos os Estados

A Prosul hoje tem obras em quase todos os Estados brasileiros, com exceção do Acre e do Amapá. “Em todas as outras localidades nacionais temos alguma atuação, no gerenciamento, supervisão de obras, licenciamento ou projeto de engenharia”, afirma Wilfredo Brillinger.

Na capital catarinense, a empresa realizou dezenas de projetos de relevância para o desenvolvimento da cidade. Referente ao tema sustentabilidade, o engenheiro destaca pelo menos três. O primeiro é o engordamento da praia de Canasvieiras, uma demanda histórica da comunidade, que transformou o balneário, um

destino turístico internacional. “Por várias vezes se tentou executar isso e não conseguiu. Por que não? Não era por falta de recurso, mas porque não havia um licenciamento ambiental ou projeto de engenharia sérios. Esta foi uma obra emblemática para nós, quem conheceu Canasvieiras antes sabe que em alguns locais quase não havia mais areia nenhuma, o balneário todo estava em uma situação difícil”, lembra Brillinger.

Outra importante realização citada pelo empresário é o novo acesso ao internacional Hercílio Luz, desde o trevo da seta até o terminal aéreo. “O trabalho todo foi realizado em uma área

muito sensível ambientalmente, passamos em meio a uma área de preservação. Hoje as pessoas trafegam por ali e não têm ideia do que foi estudado, dos detalhes minuciosos para fazer esse projeto, estávamos no meio do mangue, de uma área de reserva”, enfatiza o engenheiro.

Uma grande área de lazer, que proporciona qualidade de vida e aprimorou a mobilidade da região, a Beira-Mar Continental é outro projeto da Prosul. “Pensamos nesta obra lá atrás, que aumentou a autoestima da população do Estreito e que representa um importante espaço para a comunidade local”, diz Brillinger.

JULIO CAVALHEIRO/SECOM/DIVULGAÇÃO/ND



Acesso ao novo aeroporto da Capital exigiu muitos estudos ambientais para ser executado

Expansão e crescimento

Para o presidente da Prosul, os debates e ações voltadas à sustentabilidade serão cada vez mais aprimorados. “Ainda precisamos adaptar as situações, mas estamos todos nesta fase de buscar o equilíbrio, mas a tendência é que o tema se consolide muito mais no futuro. Nossa perspectiva daqui para frente é muito positiva, estamos nos recuperando após um período muito difícil da pandemia. No último ano foi um choque, de uma hora para outra fechamos o escritório, todos ficamos em home office, mas a vacinação tem ajudado a retomarmos as atividades e a expectativa é de crescimento para os próximos anos”, avalia Wilfredo Brillinger.

O vice-presidente da Prosul, Rodrigo Brillinger, destaca ainda que a empresa também tem evoluído significativamente nos projetos por meio da tecnologia BIM, muito usual no mercado aeroespacial e na indústria naval. “Essa ferramenta veio para ficar na parte de infraestrutura e construção civil, de modo geral. O conceito de elaboração do projeto tomou uma nova perspectiva, pois ela possibilita o inter-relacionamento de todos os profissionais, para trabalharem on-line no mesmo projeto. Isso consegue salvar muitas situações, nas quais somente lá na obra o problema estaria exposto e existiria uma possibilidade de acontecer. Já estamos trabalhando há cerca de três anos com essa tecnologia e agora estamos evoluindo para a parte de infraestrutura de área”, finaliza.

DIVULGAÇÃO/ND



Rodrigo Brillinger (à esq.), vice-presidente, e Wilfredo Brillinger, presidente da Prosul

Desafio da sustentabilidade é preocupação mundial

Termos como *desenvolvimento sustentável* e *ecodesenvolvimento* se popularizaram à medida que cresceu o entendimento global sobre os *impactos da humanidade no planeta*

Marcelo Fleury

Especial para o ND

Afinal, o que é e de onde vem o conceito de sustentabilidade? O termo se popularizou tanto nas últimas décadas que, muitas vezes, é introduzido em qualquer discurso político, como forma de garantir o compromisso com algo que todo mundo sabe que é importante, mas cujo significado vem se perdendo no tempo.

Voltemos às origens, portanto. As primeiras referências a desenvolvimento sustentável começaram a surgir em 1972, durante a primeira conferência da

ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento, em Estocolmo, na Suécia. O termo utilizado então foi “ecodesenvolvimento”.

Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento apresentou o Relatório Brundtland. O documento passou a utilizar a expressão “desenvolvimento sustentável”, com a seguinte definição: forma como as atuais gerações satisfazem as suas necessidades sem, no entanto, comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades.

“Em essência, o desenvol-

vimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”, resume o Relatório Brundtland.

De acordo com o relatório, “tanto a tecnologia quanto a organização social podem ser geridas e aprimoradas a fim de proporcionar uma nova era de crescimento econômico”. Para atender às necessidades básicas de todos, o documento

recomenda, então, “um crescimento potencial pleno, e o desenvolvimento sustentável exige claramente que haja um crescimento econômico em regiões onde tais necessidades não estão sendo atendidas”.

“Mas o simples crescimento não basta. Uma grande atividade produtiva pode coexistir com a pobreza disseminada, e isto constitui um risco para o meio ambiente. Por isso, o desenvolvimento sustentável exige que as sociedades atendam às necessidades humanas, tanto aumentando o potencial de produção quanto assegurando a todos as mesmas oportunidades”.



Meio ambiente precisa da união de esforços hoje para garantir futuro

Um novo acordo global deve ser firmado

Com mais de 4 milhões de mortes em pouco mais de um ano, a Covid-19 expôs a fragilidade do mundo e acendeu o alerta para outras ameaças globais.

“Estamos em um ponto de ruptura em relação às mudanças climáticas”, alertou o secretário-geral da ONU, António Guterres. Sua sentença tem a conotação

de um “agora ou nunca” e joga sobre os ombros dos mandatários dos principais países do mundo a responsabilidade de traçar um plano para evitar o pior.

Em novembro deste ano, eles estarão em Glasgow, na Escócia, durante a COP26 (Conferência da ONU para as Mudanças Climáticas) a fim de firmar um com-

promisso que substitua o Acordo de Paris de 2015. Em Paris, praticamente todas as nações do mundo concordaram em participar do esforço para conter as mudanças climáticas. Ficou acordada a meta de não deixar a temperatura global aumentar mais de 2°C, até o fim do século, em relação aos níveis pré-industriais.

10 PAÍSES QUE MAIS EMITEM GASES

	China	25,76%
	EUA	12,8%
	União Europeia	7,8%
	Índia	6,74%
	Rússia	5,26%
	Japão	2,73%
	Brasil	2,28%
	Indonésia	1,88%
	Irã	1,74%
	Coreia do Sul	1,51%

Qual é o conceito de desenvolvimento sustentável?

Segundo a ONU, é a forma como as atuais gerações satisfazem as suas necessidades sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades.

FONTES: CLIMATE WATCH DATA E WRI BRASIL

ANDREAS FELSKE/DIVULGAÇÃO/ND



China é responsável por 25% de toda emissão de gases que provocam o efeito estufa no mundo



MARGOT RICHARD/DIVULGAÇÃO/ND

Entrevista

José Rubens Morato Leite, professor titular da UFSC e coordenador do Grupo de Pesquisa Direito Ambiental na Sociedade de Risco da universidade

“É necessário um novo pacto societário ecológico”

Vemos previsões catastróficas sobre o meio ambiente, mas ao mesmo tempo as pessoas estão se desesperando para as pequenas ações. Em linhas gerais o mundo está se encaminhando para ser mais sustentável?

Fundado na ciência e nas evidências científicas claras provenientes do Painel de Mudança Climática do IPCC/ONU destaca que o planeta e o meio ambiente mostram sinais claros de previsões catastróficas sobre os limites ecológicos, mudanças climáticas, chuvas ácidas e muitos outros sinais de esgotamento e crise ecológica. Portanto é necessário um novo pacto societário ecológico, que pense no planejamento, prevenção, precaução, mitigação, restauração, conservação, preservação e uma sustentabilidade ecológica. A crise ecológica exige um novo relacionamento ser humano e natureza que traga uma ruptura do status quo, exigindo um retorno de uma relação harmônica da humanidade com o bem comum, sendo um dos elementos os direitos das gerações presente e futuras, bem como caminhos que nos levem à sustentabilidade ecológica e à natureza como um bem essencial.

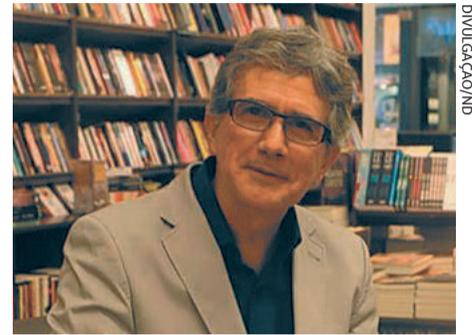
Governos, empresas, população estão adotando novos hábitos?

Não há dúvida de que teremos de fazer uma rápida transformação de hábitos desde do ponto de vista individual, como de consumo, da produção, dos governos de todos níveis e das empresas, pautados pelo prevenção, planejamento, sustentabilidade forte e cálculos que possam medir os impactos negativos causados ao planeta e às externalidades negativas provocadas, afetando direitos sociais e ecológicos sistêmicos. Devemos sair de uma visão limitada de um capitalismo e consumismo predatório e extremo, buscando uma nova governança sistêmica dos bens comuns. Um exemplo é o caso da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, onde vige uma irresponsabilidade organizada

onde a gestão ambiental pública deixa de proteger de forma efetiva este bem comum, agindo de forma omissiva, fragmentada e com inação na sua proteção dos seus valores intrínsecos da natureza, provocando seu iminente perecimento ou colapso deste bem imaterial e cultural do coletividade. A gestão ambiental da Lagoa da Conceição se enquadra firmemente conceitos expressos acima de irresponsabilidade organizada e sociedade de risco, pois o poder público e utilizadores deixam de fazer um controle e fiscalização necessários, sabendo da complexidade ambiental, promovendo de forma constante inações, ocultações de informações, omissões, agindo sem a devida clareza e com irresponsabilidade face ao bem comum do povo. Importante notar que a Lagoa da Conceição presta serviços ecossistêmicos imensuráveis à sociedade e temos o dever de protegê-la. Encontra-se no em trâmite no Judiciário, na 6ª Vara da Justiça Federal de Florianópolis, uma ação civil pública estrutural inovadora, com decisão liminar favorável, que instituiu uma Câmara Judicial de Proteção da Lagoa, visando uma governança sistêmica e não fragmentada deste bem ambiental, que poderá trazer uma mudança de hábito na proteção deste bem em longo prazo. Talvez, esta litigância ecológica da Lagoa seja uma última instância de rever as nossas práticas sociais predatórias de irresponsabilidade organizada e restaurar uma necessária visão de sustentabilidade ecológica e governança para este bem imaterial.

Como as pessoas podem adotar hábitos mais sustentáveis no cotidiano, na vida prática e de que forma as atitudes individuais impactam no todo?

Hoje existem várias formas já bem desenvolvidas, como foi dito, de medir os impactos negativos desde o viés das empresas até a perspectiva individual como a pegada ecológica e de carbono, que fazem cálculos e estimativas mais eficientes de



DIVULGAÇÃO/ND

mensurar. A Pegada de Carbono, por exemplo, calcula a emissão de carbono emitida na atmosfera por uma pessoa, por uma atividade, um evento, uma empresa, organização ou um governo. Para que tenhamos uma ideia das quantidades emitidas, todos esses gases podem ser convertidos em medidas de carbono equivalente, o dióxido de carbono equivalente (CO₂eq). Assim, quando medimos a quantidade de carbono equivalente emitida na atmosfera temos a pegada de carbono. Hoje, tanto do ponto de vista individual como público e privado, temos que andar com um calculadora na mão para praticar conceitos e hábitos mais sustentáveis, revisando nossa relação com os limites do planeta, face ao diagnóstico científico da época do antropoceno.

Quais são as tendências do mundo quando o assunto é sustentabilidade?

A tendência é que estes sistemas mais amplos de governança ecológica prosperem e estimulem a sociedade a reverter este quadro de irresponsabilidade organizada. Não temos saída se mantivermos uma proposta de crescimento econômico ilimitada, baseada em uma sustentabilidade fraca, dentro de uma perspectiva única do PIB. Desta forma, temos que fomentar uma ruptura transformadora fundada em uma visão da sustentabilidade forte, que seja ancorada na preservação e conservação dos recursos naturais e na proteção dos processos ecológicos, rogando por uma nova relação societária e econômica com a natureza. Hoje existe um verdadeiro clamor pela mudança e muitos já conseguem visualizar esta transformação em curso, mas a mutação caminha a passos lentos, infelizmente, pois a transformação só pode ser alcançada passo a passo, considerando a complexidade do problema.

Foco é reduzir poluição ambiental

Mundialmente, a tendência das emissões de gás carbônico é de alta, o que torna o horizonte curto para uma reação global.

Há consenso de que é preciso ocorrer uma queda drástica na queima de combustíveis fósseis, responsáveis pelo efeito estufa e aquecimento global. A questão é que todos têm de ceder um pouco.

Estados Unidos e China, juntos, são responsáveis por 40% das emissões globais. Ou seja, sem eles nada de decisivo é alcançável. Brasil e Índia, como grandes nações emergentes, também têm de estar a bordo de qualquer plano.

Segundo relatório do Observatório do Clima divulgado no final do ano passado, o Brasil figurou como o quinto maior emissor de gases de efeito estufa do planeta. E, em 2019, as emissões registraram o maior aumento desde 2003.

“Hoje existe um verdadeiro clamor pela mudança e muitos já conseguem visualizar esta transformação em curso, mas a mutação caminha a passos lentos, infelizmente.”



A nossa energia gera um futuro mais sustentável

O compromisso com a sustentabilidade está no centro da estratégia da ENGIE. É por isso que direcionamos nossos investimentos para energia renovável e adicionaremos, em agosto de 2021, 1.262,8 MW de capacidade de geração eólica com a entrada em operação integral do Conjunto Eólico Campo Largo 2, na Bahia, tornando a matriz elétrica nacional mais limpa.

É assim que construímos, hoje, um futuro melhor para todos e todas!

Vamos além da energia.



The ENGIE logo consists of a white, stylized, curved line above the word "ENGIE" in a bold, white, sans-serif font.



The ENGIE logo is displayed on the white nacelle of a wind turbine. It features the same stylized curved line and the word "ENGIE" in a blue, sans-serif font.

ENGIE: investimento em energia renovável e infraestrutura de transmissão

Propósito da Companhia é agir para acelerar a transição para uma economia neutra em carbono por meio do consumo reduzido de energia e soluções mais sustentáveis

Com sua atuação direcionada pelo propósito de agir para acelerar a transição energética, a ENGIE coloca o compromisso com a sustentabilidade no centro da sua estratégia. Presente há mais de 20 anos no Brasil, a Companhia é a maior produtora privada de energia elétrica do país, e cerca de 90% do seu portfólio de geração é proveniente de fontes renováveis e com baixas emissões de gases de efeito estufa, como hidrelé-

trica, eólica, solar e biomassa.

“O respeito ao meio ambiente e a definição de estratégias que possibilitem a preservação da biodiversidade brasileira têm nos guiado em todos os nossos projetos. Além de gerarmos energia limpa, temos um compromisso genuíno com a sustentabilidade e a prosperidade das comunidades onde estamos inseridos”, destaca Eduardo Sattamini, Diretor-Presidente ENGIE Brasil Energia.

FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

INVESTIMENTO EM RENOVÁVEIS E INFRAESTRUTURA

Nos últimos anos, a Companhia praticamente quadruplicou sua capacidade instalada em energia eólica. Os empreendimentos eólicos em construção na região Nordeste atualmente são o Conjunto Eólico Campo Largo 2, na Bahia, que totalizará 1.262,8 MW em capacidade instalada em energia eólica em agosto de 2021, além do Conjunto Eólico Santo Agostinho, no Rio Grande do Norte, que chegará à capacidade instalada de 434MW em 2023.

Já em infraestrutura, estão em implantação o Sistema de Transmissão Gralha Azul, que totaliza 1.000km de linhas de transmissão no Paraná, além do Projeto Novo Estado, com outros 1.800km no Pará e em Tocantins. “Estes projetos também colaboram para a descarbonização da matriz elétrica brasileira, assegurando a chegada da energia gerada a partir de fontes renováveis até seus mercados consumidores”, explica Eduardo Sattamini, Diretor-Presidente da ENGIE Brasil Energia.



O respeito ao meio ambiente e a definição de estratégias que possibilitem a preservação da biodiversidade brasileira têm nos guiado em todos os nossos projetos.

Eduardo Sattamini, Diretor-Presidente ENGIE Brasil Energia

Em agosto de 2021, a ENGIE adicionará 1.262,8 MW de capacidade de geração eólica ao seu portfólio com a entrada em operação integral do Conjunto Eólico Campo Largo 2, na Bahia, tornando a matriz elétrica nacional mais limpa

Compromisso Socioambiental

Seja na operação de seus ativos ou durante a implantação de novos projetos, a ENGIE desenvolve ações socioambientais que consolidam o bom relacionamento da Companhia com as comunidades onde está inserida. Uma das ações desenvolvidas pela ENGIE é o Programa Matriz de Biodiversidade. Ele prevê a gestão de riscos, impactos e oportunidades de conservação da biodiversidade brasileira na área de abrangência de todo o parque gerador da empresa de energia.

Além disso, criado em 2010, o Programa de Conservação de Nascentes protege mananciais e assegura a qualidade da água fornecida às comunidades locais. A iniciativa já contribuiu para a preservação de mais de 1.300 nascentes e beneficiou mais de 1.500 famílias.

No âmbito social, uma série de projetos e iniciativas são fomen-

tados pela Companhia, com foco no legado a ser construído para as próximas gerações, destinando investimentos sociais principalmente às seguintes áreas estratégicas: acesso à cultura e ao esporte; proteção da infância e da juventude; geração de renda e inclusão social.

Um dos destaques é o projeto “Mulheres do Nosso Bairro”, que alcançou 100 municípios de 13 estados brasileiros. Criado para selecionar e apoiar empreendimentos e iniciativas de lideranças femininas com recursos financeiros, o programa apoiou 28 iniciativas vencedoras, seis de Santa Catarina, com valores de R\$ 5 mil, R\$ 10 mil ou R\$ 20 mil, de acordo com o escopo do projeto. A Companhia também construiu seis centros de cultura nas regiões onde está inserida.



Incentivo à inovação nacional

Os projetos de inovação da ENGIE se integram ao contexto altamente dinâmico de transição energética. Entre as pesquisas recentes, destaca-se o “Aerogerador Nacional”, resultado de um Projeto Estratégico do Programa de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da Companhia com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). Instalado no parque experimental de pesquisa e desenvolvimento da ENGIE, o aerogerador foi projetado e construído pela WEG S.A e a segunda etapa do projeto também contou com recursos do P&D das Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A (CELESC).

O principal objetivo é desenvolver e incentivar a tecnologia nacional em energia eólica para reduzir a dependência de outros países, por meio do fortalecimento da cadeia brasileira de fornecedores de componentes e prestadores de serviços para a fabricação e instalação de aerogeradores de grande porte.

Desde 1999, mais de R\$ 300 milhões já foram investidos em Pesquisa e Desenvolvimento pela ENGIE no Brasil, em mais de 200 projetos realizados e/ou em desenvolvimento, unindo esforços de mais de 40 organizações, incluindo universidades, centros de pesquisa, empresas e startups.

**DÖHLER. EM CADA PRODUTO,
O RESPEITO ABSOLUTO POR UM
FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL.**

Pioneira em responsabilidade ambiental, a Döhler foi a primeira empresa do sul do Brasil a construir seu próprio aterro industrial e estação de efluentes. Hoje, 40% de toda água usada na fabricação dos produtos é reutilizada, enquanto a água restante é tratada e devolvida limpa ao rio. E além de manter uma reserva arborizada e investir na geração de energia solar, a Döhler agora participa dos programas International REC Standard, que comprova o uso de energias renováveis, e Better Cotton Initiative, certificando a origem sustentável de todo algodão utilizado. Tudo para reduzir a taxa de carbono no planeta e ampliar a preservação do meio ambiente.



Döhler é pioneira em sustentabilidade

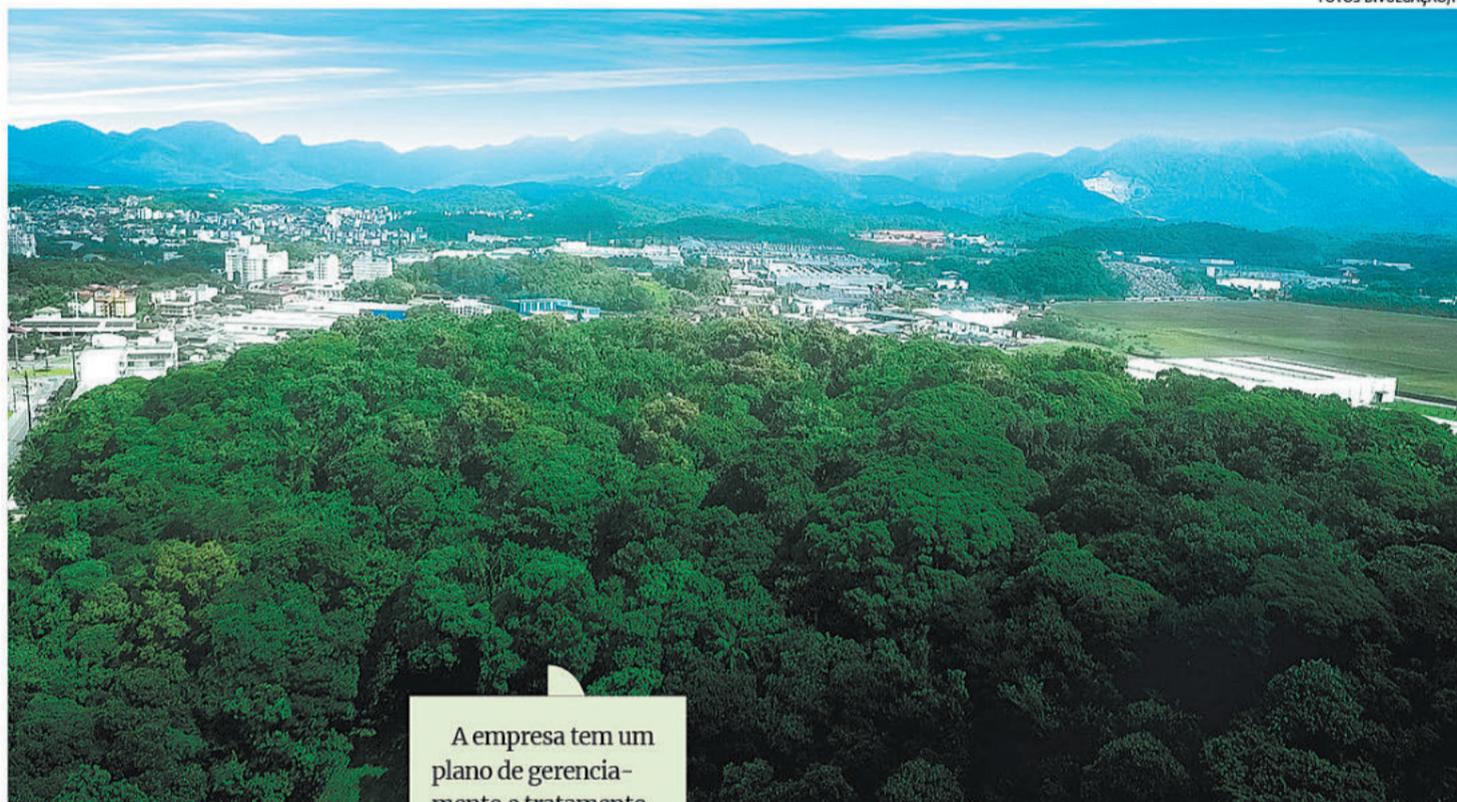
Empresa prioriza processos que contribuem para a economia de água e com o cuidado com o meio ambiente

A sustentabilidade é um conceito que é colocado em prática na gestão e na produção da Döhler. Pioneira na industrialização de produtos têxteis de cama, mesa, banho, copa e decoração, a empresa se destaca pelo aperfeiçoamento dos processos internos voltados à preservação e uso consciente dos recursos naturais, principalmente da água e energia.

Ao longo dos anos, a empresa adotou processos que contribuem para a economia de água e com o cuidado com o meio ambiente. Todo efluente produzido é tratado e 35% dos efluentes industriais é reutilizado. Os gases gerados pelos equipamentos de processo e geração de energia térmica são monitorados para não causar danos ambientais.

Além disso, em 2020, a Döhler investiu no novo processo de estamparia digital, reduzindo substancialmente o consumo de água. As energias térmica e elétrica também são otimizadas, por meio de um programa interno de Eficiência Energética, implantado há sete anos. Esse controle garante uma diminuição de 10% no consumo de energia a médio e longo prazo.

A Döhler também possui um plano de gerenciamento e tratamento de todos os resíduos gerados internamente, indicando o destino ambientalmente



FOTOS DIVULGAÇÃO/ND

A empresa tem um plano de gerenciamento e tratamento de todos os resíduos que gera, indicando o destino correto para cada um deles

adequado para cada um deles.

Com o compromisso de reduzir a taxa de carbono no planeta, a Döhler conquistou o I-REC (Internacional REC Standard). Trata-se de um sistema global que comprova que a energia consumida pela empresa é proveniente de fontes renováveis.

O algodão, matéria-prima dos tecidos, é proveniente de fazendas que usam o processo sustentável de produção, classificados pelo selo de certificação BCI (Better Cotton Initiative).

Empreendimento se destaca pelo aperfeiçoamento dos processos internos voltados à preservação e uso consciente dos recursos naturais.

140 ANOS DE HISTÓRIA E 12 MIL PRODUTOS

A Döhler foi fundada em Joinville/SC, em 1881, pelo imigrante alemão Karl Döhler. Com coragem, visão e apenas um tear de madeira a história de sucesso dessa empresa começou a ser construída.

✓ **Em 2021, a empresa completa 140 anos.**

Hoje, com cerca de 3.000 colaboradores e um parque fabril de 200 mil metros quadrados, a Döhler produz 1.400 toneladas de tecidos por mês, dentro de um portfólio que chega a 12 mil produtos, e exporta para mais de 40 países. A marca atende consumidores domésticos, com artigos variados para o lar, e empresariais, com tecidos institucionais, além de enxovais corporativos e soluções para o setor hoteleiro e hospitalar.



Todo efluente produzido é tratado e 35% dos efluentes industriais é reutilizado. Os gases gerados pelos equipamentos de processo e geração de energia térmica são monitorados

AÇÕES DE QUALIDADE COMPROVADA

A sustentabilidade praticada pela Döhler é comprovada pelas normas técnicas de qualidade e preservação ao meio ambiente, como ISO 9001:2008 e ISO 14001:2004.

A empresa também é avaliada pelo instituto de certificação alemão Hohenstein, com

o selo OEKO-TEX 100 em todos os produtos.

A Döhler conquistou títulos nas áreas de responsabilidade ambiental e social, como o Prêmio Empresa Cidadã (ADVB/SC), o Troféu Fritz Müller, o Prêmio FGV de Excelência Empresarial e o Prêmio Empresa do Ano, da Revista Exame.

Entrevista Zena Becker, coordenadora do Floripa Sustentável

“Para que Florianópolis tenha visão de sustentabilidade para o futuro é preciso ajustar o Plano Diretor”

É impossível olhar para o futuro de Florianópolis sem que a sociedade se junte e participe ativamente da construção de um futuro melhor. Essa é a visão de Zena Becker, coordenadora do Floripa Sustentável, movimento criado para

trocar ideias e fomentar soluções eficazes para o desenvolvimento da cidade.

Para Zena, é fundamental revisar o atual Plano Diretor de Florianópolis e melhorar questões como a mobilidade, a infraestrutura e

o saneamento básico da cidade, sem esquecer a inclusão social.

“A hora que você tem inclusão você tem desenvolvimento sustentável, porque tem desenvolvimento econômico, social e ambiental”.



Zena Becker, do Floripa Sustentável

MARCO CEZARI/Divulgação/ND

Como tornar Florianópolis uma cidade mais sustentável?

Nós aprendemos a reagir e para que a gente continue sonhando com uma cidade sustentável, a sociedade precisa participar. Antes existia uma minoria que estava sempre contra algumas ações, principalmente de prefeitura, etc. Com essa reação, houve uma união muito grande da sociedade, poder público, iniciativa privada e sociedade civil. Isso faz com que exista uma sinergia de desenvolvimento integrado e automaticamente sustentável e principalmente inclusão. Quando você trabalha integrado você tem a inclusão de todos os segmentos e de toda uma população. O Floripa Sustentável tem como lema a prosperidade com inclusão social, temos trabalhado bastante com isso. Então a hora que você tem inclusão você tem desenvolvimento sustentável, porque tem desenvolvimento econômico, social e ambiental.

O Plano Diretor vai finalmente ser revisado?

O Plano Diretor é o que mais incomoda o Floripa Sustentável, porque entendemos que uma cidade precisa saber para onde ela quer ir, para onde ela vai crescer, de que forma ela deverá crescer e quem define isso é uma carta chamada Plano Diretor. Ela tem que mostrar a visão, como chegar lá e a distribuição adequada do solo. Uma das coisas que menos cresceu em Florianópolis foi

“**Para mim, a mobilidade e a infraestrutura são os grandes desafios. Até porque moramos em uma cidade que geograficamente é muito complicada.**”

a história do Plano Diretor, foi muito desgastante. O atual prefeito conseguiu aprovar de uma maneira não ideal, mas que já satisfaz, apesar de todas as confusões, os imbrólios e as interferências do Ministério Público. Isso é um grande problema para a cidade. O poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada têm acompanhado a revisão do atual plano, para que ele possa ficar de pé e dar condições para que a cidade volte a funcionar. Para que Florianópolis tenha visão de sustentabilidade para o futuro, o primeiro passo é ajustar o atual Plano Diretor e, em seguida, acabar com essa insegurança jurídica. Só cobrar, como era antigamente, isso não funciona, precisamos ajudar também. Temos muito o que evoluir ainda, mas nós vivemos um momento muito especial. Reagir cada vez mais. O que não está certo tem que cobrar, tem que exigir, tem que ir junto quando for preciso.

Quais são os maiores desafios da Capital?

Para mim, a mobilidade e a infraestrutura são os grandes desafios. Até porque moramos em uma cidade que geograficamente é muito complicada, isso também incomoda um pouco para quem está fazendo os planos. Precisamos educar nossos alunos para que eles entendam a importância de um turista aqui em Florianópolis, quando um turista vem, quantas crianças podem ir para uma escola porque ele deixou recursos aqui. Temos que melhorar nossos produtos turísticos, principalmente os nossos equipamentos, nosso Centro de Eventos precisa urgentemente de melhorias, uma política mais adequada para o desenvolvimento da tecnologia. Se queremos ser uma cidade tecnológica e uma cidade turística, nós precisamos entender melhor, porque a tecnologia passa por um grave problema, que é a falta de mão de obra e de melhorias na infraestrutura, inclusive de dados, de energia.

Como solucionar estes problemas?

Capacitação para que tenhamos mão de obra suficiente, porém quando a gente diz isso, esbarra num grande problema em Florianópolis que é a falta de moradia popular. Precisamos que o poder público, principalmente o município, tenha urgentemente uma política de incentivo à construção de moradias populares. Estamos perdendo muitos talentos porque é natural que uma cidade como Florianópolis, onde o custo de moradia é muito alto, se não tiver um incentivo ao empresário, teremos problemas graves no futuro de moradia popular. E automaticamente mão de obra. Se a pessoa não tem como morar, ela não vai querer trabalhar em Florianópolis.

Qual o caminho para melhorar a mobilidade urbana?

Primeiro as pessoas precisam se conscientizar. A mobilidade não se resolve com uma grande linha de transporte público, mobilidade é primeiro planejamento e uso adequado do solo. Para isso eu preciso do Plano Diretor, pois nesse planejamento eu preciso definir as centralidades que hoje já são bem claras em Florianópolis. Mas essas centralidades precisam de infraestrutura e de transporte adequado. O que é o transporte adequado? Ciclovias, transportes menores, pois quando você tem um eixo como é a SC-401 não tem porque entrar em Santo Antônio um ônibus enorme que fica trancando tudo. Pode entrar os micro-ônibus e tem que ter calçadas largas, ciclovias e junto o transporte marítimo. Nós temos diversas ações na mobilidade que precisam ser tomadas decisões. Outra coisa importante, moramos numa região metropolitana, se não fizer uma licitação para o transporte integrado da região metropolitana, que vai diminuir o custo da passagem, as pessoas não vão andar de ônibus. Andar de ônibus é muito caro, é mais barato vir de carro. Eu participei de uma grande

“**Nós aprendemos a reagir e para que a gente continue sonhando com uma cidade sustentável, a sociedade precisa participar.**”

reunião que organizamos no Floripa Sustentável com a Secretaria de Infraestrutura, com a proposta da iniciativa privada, o pessoal do transporte coletivo mostrou que é fácil fazer integração.

Quais os pontos mais graves do saneamento básico de Florianópolis?

Temos um problema grave de esgoto e de drenagem. Não temos um projeto de drenagem e tudo isso está dentro do pacote do saneamento. São os resíduos, as drenagens, abastecimento e o esgoto. O resíduo, eu diria que tem uma política boa, tem que melhorar muito, mas já tem uma política boa. O saneamento tem uma péssima política, hoje existe quase 60% de área coberta com rede de esgoto. Porém, em muitos lugares onde tem rede de esgoto, não tem estação de tratamento, como é o caso do Sul da Ilha. Onde tem uma boa estação de tratamento, a população não está ligando na rede, como é o caso do Norte da Ilha, e assim por diante. É um grave problema, inclusive de saúde pública. Existe um problema, na verdade, de responsabilidade da Casan porque ela é contratada para isso, só que quando você contrata um serviço, você não cobra o serviço? Tem que cobrar. A prefeitura paga a conta, então ela tem que cobrar de quem ela está pagando. É exatamente isso, é muito fácil. Se a pessoa não entregou o serviço adequado, tens uma alternativa, termina o contrato.

De olho no futuro



Nove em cada 10 consumidores focam na sustentabilidade

A pandemia da Covid-19 elevou o foco dos consumidores na sustentabilidade e a disposição de pagar do próprio bolso — ou até mesmo receber um salário menor — por um futuro sustentável, de acordo com um novo estudo do IBM Institute for Business Value, com mais de 14.000 consumidores em nove países, incluindo o Brasil. Nove em cada 10 consumidores pesquisados relataram que a pandemia afetou seus pontos de vista sobre a sustentabilidade ambiental, mais do que qualquer outro impacto citado, como incêndios florestais, desastres devido a eventos climáticos e cobertura de notícias sobre o assunto. Apesar do impacto financeiro da pandemia da Covid-19 em muitas pessoas, 54% dos consumidores pesquisados estão dispostos a pagar mais por marcas que são sustentáveis e/ou ambientalmente responsáveis. Além disso, 55% dos consumidores pesquisados relataram que a sustentabilidade é muito ou extremamente importante para eles ao escolher uma marca.

ESG é o futuro para as empresas

Os jovens brasileiros querem mais políticas ambientais, sociais e de governança nas empresas. E as companhias precisam se preparar para receber esses jovens — tanto enquanto consumidores quanto como funcionários. É o que mostra a pesquisa “Construindo Nosso Futuro”, conduzida pela Eureka em parceria com o Davos Lab e o Global Shapers e ligada ao Fórum Econômico Mundial. O estudo apresentou a opinião dos jovens brasileiros, com média de 28 anos, sobre temas como economia, liderança, política, tecnologia e emergência climática.

Das 1.100 pessoas entrevistadas, 84,95% afirmaram que tanto as organizações privadas quanto as públicas devem assumir a responsabilidade por padrões de éticas sociais, ambientais, de governança e de tecnologia, conceitos incluídos na prática de ESG, sigla em inglês para ambiental, social e governança corporativa.

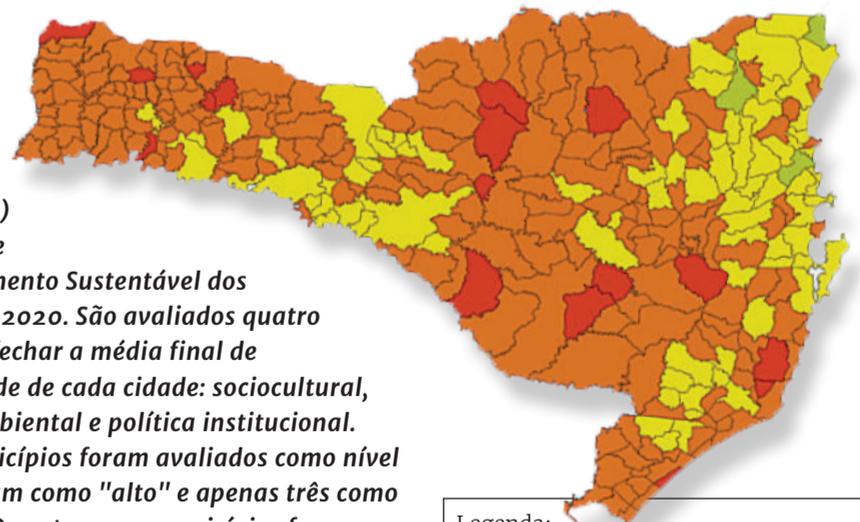


Meio ambiente deve ser prioridade para brasileiros

Pesquisa do Instituto Ipsos, realizada em 16 países em maio de 2020, listou as regiões onde ações dos governos, em prol do meio ambiente, deveriam ser tratadas como prioridades após a pandemia. O Brasil ficou em terceiro lugar, atrás da China, Índia e México, empatados na segunda posição. Na opinião de 85% dos brasileiros, a proteção do meio ambiente deve ser prioridade do governo, o que comprova que a preservação não perdeu sua relevância, mesmo em um cenário de pandemia.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE SC

Um levantamento realizado pela Fecam (Federação Catarinense dos Municípios) aponta o Índice de Desenvolvimento Sustentável dos Municípios em 2020. São avaliados quatro quesitos para fechar a média final de sustentabilidade de cada cidade: sociocultural, econômica, ambiental e política institucional. Dezesete municípios foram avaliados como nível "baixo", nenhum como "alto" e apenas três como "médio alto". Os outros 275 municípios foram classificados como "médio" e "médio baixo". Esse índice, ao avaliar o desenvolvimento, configura-se como uma ferramenta de apoio à gestão capaz de evidenciar as prioridades municipais e regionais e situar as municipalidades em relação a um cenário futuro desejável.



Legenda:

BAIXO	0,000	0,499
MÉDIO BAIXO	0,500	0,624
MÉDIO	0,625	0,749
MÉDIO ALTO	0,750	0,874
ALTO	0,875	1,000

ENGE/DIVULGAÇÃO/ND



Infraestrutura sustentável pode movimentar R\$ 3,5 trilhões no Brasil até o ano 2040

Investimentos em infraestrutura sustentável podem movimentar cerca de R\$ 3,5 trilhões no Brasil até 2040, segundo estudo encomendado pelo Prosperity Fund, fundo de cooperação entre Reino Unido e outros países.

O estudo "Oportunidades de Investimento em Infraestrutura Sustentável" lista oito setores — energia de baixo carbono, iluminação pública, saneamento, resíduos sólidos, portos e hidrovias, telecomunicações e transporte urbano — que sob um conjunto de variáveis podem, aliado aos investimentos, criar cerca de 2,4 milhões de empregos e acrescentar 4,5 trilhões de reais ao PIB (Produto Interno Bruto) do país no período.

VOCÊ ACHA QUE JÁ VIU TUDO EM REALITY? VIVA A ILHA.



DE SEGUNDA
A SÁBADO,
ÀS 22H45.



APRESENTAÇÃO
SABRINA SATO

